



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE ARTES E COMUNICAÇÃO
DEPARTAMENTO DE LETRAS
CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS PORTUGUÊS

PATRICK SOUZA E SILVA

MORS ILLI VENUS EST: O mito da ave Fênix na Antiguidade

Jaboatão dos Guararapes

2023

PATRICK SOUZA E SILVA

MORS ILLI VENUS EST: O mito da ave Fênix na Antiguidade

Trabalho de Conclusão apresentado ao Curso de Graduação em Letras Português – Licenciatura como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado em Letras/Português.

Orientador (a): Prof. Dr. José Alexandre Ferreira Maia

Jaboatão dos Guararapes

2023

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do programa de geração automática do SIB/UFPE

Silva, Patrick Souza e .

Mors illi Venus est: O mito da ave Fênix na Antiguidade / Patrick Souza e
Silva. - Recife, 2023.

82 : il.

Orientador(a): José Alexandre Ferreira Maia

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal de
Pernambuco, Centro de Artes e Comunicação, Letras Português - Licenciatura,
2023.

Inclui referências, apêndices, anexos.

1. Antiguidade Clássica. 2. Lactâncio. 3. Literatura Latina. 4. Tradução. 5.
Fênix. I. Maia, José Alexandre Ferreira. (Orientação). II. Título.

470 CDD (22.ed.)

A Santa Maria, Mãe de Deus, refúgio
dos pecadores, consoladora dos aflitos,
esperança nossa.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, por minha existência. A minha Nossa Senhora, pelo cuidado, pois se ela de mim não cuidasse, eu não teria entrado no curso, muito menos saído. A minha mãe, por ter cuidado de mim por muitos anos. A Paulo, meu irmão, pela ajuda para começar no curso. A Kerol, pelas noites insones que passou conversando comigo. Ao professor André de Sena, por ter sido uma inspiração durante o curso. Ao professor Flaviano Maciel Vieira, por ter examinado este trabalho. Ao professor Alexandre Maia, por sempre estar disposto a embarcar em meus projetos e por me orientar no Trabalho de Conclusão de Curso. À professora Márcia Valdineide, por ter sido um lugar de paz em momentos difíceis. A todos que oraram ou torceram por mim.

“Totum in nobis est coelum, quibus igneus vigor inest et coelestis origo” (FICINUS, 1576, p. 805)

RESUMO

O presente trabalho versa sobre o mito da ave Fênix na Antiguidade, procurando estudá-lo a partir de suas representações nas literaturas grega e latina, levando em consideração possíveis influências ou pontos de contato com outras culturas, especificamente a chinesa, egípcia e judaica, em sua construção e objetivando a descrição da evolução histórica do mito e de suas características estruturais. Para fundamentar as discussões, foram analisadas passagens de autores da Antiguidade Clássica e Tardia que citam a ave. Além disso, foi feita a tradução e análise do poema *De Ave Phoenix*, primeira obra a tratar exclusivamente do mito que chegou à posteridade, buscando evidenciar as relações do poema com as tradições grega e latina, bem como verificar a possível influência do cristianismo nascente no poema. Este estudo também se propôs a refletir sobre a possibilidade da utilização do mito em contexto didático, elaborando um projeto voltado para o ensino de Língua Portuguesa e Literatura no Ensino Médio, em conformidade com a Base Nacional Comum Curricular e outros documentos norteadores do ensino no Brasil e a partir da proposição de João W. Galdi (1997).

Palavras-chave: Mitologia Clássica; Lactâncio; Tradução; Literatura Latina; Antiguidade; Fênix.

RÉSUMÉ

Le présent ouvrage traite du mythe de l'oiseau Phénix dans l'Antiquité, cherchant à l'étudier à partir de ses représentations dans les littératures grecque et latine, en tenant compte d'éventuelles influences ou points de contact avec d'autres cultures, notamment chinoise, égyptienne et juive, dans sa construction et visant à la description de l'évolution historique du mythe et de ses caractéristiques structurelles. Pour étayer les discussions, des passages d'auteurs de l'Antiquité classique et tardive qui faisant mention de l'oiseau ont été analysés. De plus, le poème *De Ave Phoenix* a été traduit et analysé, pour être le premier oeuvre à traiter exclusivement du mythe qui ait atteint la postérité, cherchant à mettre en évidence les relations du poème avec les traditions grecques et latines, ainsi qu'à vérifier l'influence possible du christianisme naissant sur le poème. Cette étude a également proposé de réfléchir à la possibilité d'utiliser le mythe dans un contexte didactique, en développant un projet visant à enseigner le portugais et littérature au lycée, conformément à la base nationale commune curriculaire (BNCC) et à d'autres documents qui guident l'enseignement au Brésil et à partir de la proposition de João W. GERALDI (1997).

Mots-clés: Mythologie classique; Lactance; Traduction; Littérature latine; Antiquité; Phénix.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Imagem 1	Ideograma de <i>benu</i>	17
Imagem 2	Livro dos Mortos de Ani; figura 27; colorida. © The Trustees of the British Museum	19
Imagem 3	QR Code do filme “Harry Potter e a Câmara Secreta”	80

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	11
1.1	Considerações Iniciais	11
1.2	Justificativa	12
1.3	Objetivos	13
1.3.1	Objetivo Geral	13
1.3.2	Objetivos Específicos	13
1.4	Fundamentação Teórica	14
2	O MITO	18
2.1	Origens Orientais do Mito	18
2.1.1	Antigo Egito	18
2.1.2	China	22
2.1.3	Mitologia Judaica	24
2.2	Registros do mito na literatura grega	27
2.4	A Fênix na literatura latina	30
3	O POEMA	46
3.1	Pseudo-Lactâncio	46
3.2	Tradução	47
3.3	Comentários	55
3.4	<i>De ave phoenice</i> no contexto da evolução do mito	59
4	O PROJETO DIDÁTICO	60
4.1	Introdução	60
4.2	Eixos de ensino de Língua Portuguesa	63
4.2.1	Eixo de Leitura	63
4.2.2	Eixo de Produção de Texto Escrito	65
4.2.3	Eixo de Oralidade	67
4.2.3	Eixo de Análise Linguística	69
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	73
	REFERÊNCIAS	74

APÊNDICE A	78
APÊNDICE B	79
APÊNDICE C	80
ANEXO A	81
ANEXO B	82

1 INTRODUÇÃO

1.1 Considerações Iniciais

O mito da ave Fênix impressiona por sua longevidade. Os primeiros registros encontrados na literatura greco-latina acerca de um pássaro fabuloso que renasce da própria morte datam de mais de doze séculos atrás. De lá pra cá, culturas, religiões e impérios se levantaram e caíram, mas a ave continuou presente no imaginário ocidental, mudando, se resignificando, renascendo. Ainda que hodiernamente não se acredite no pássaro fabuloso, há de se admitir que a Fênix demonstrou-se imorredoura durante dois milênios, se não como animal, ao menos como imagem nas mais variadas obras.

Mas sobreviver durante tanto tempo significa, necessariamente, modificar-se. Os mitos também têm sua história: surgem, crescem, transformam-se em contato com outros elementos. Com a Fênix não foi diferente: o mito preservou-se através de modificações. Como diz um poema acerca do pássaro, mas que poderia se referir ao próprio mito em si: “*ipsa quidem, sed non eadem est; eademque nec ipsa.*”¹ (Lactant. *De Ave Phoenix*, 170)

Assim, apresenta-se uma pergunta muito interessante: como se deu a evolução histórica das representações da Fênix na cultura ocidental? Decerto, este é um problema de envergadura colossal, mas é possível contribuir para uma resposta se escolhidos limites temporais menos amplos. É isto que será feito neste trabalho, que versará sobre as representações da Fênix na Antiguidade Clássica e Tardia.

Mas, como foi dito antes, os mitos têm uma história. É, portanto, essencial para o presente trabalho abordar, ainda que brevemente, a presença de narrativas sobre pássaros míticos que se assemelham à Fênix em outras culturas, pois os próprios escritores clássicos (Heródoto e Plínio, O Velho, por exemplo) afirmam que a ave tem origens em regiões distantes da Grécia e de Roma, assim como os especialistas modernos indicam relações entre os mitos. Devido a isso, relatos de aves semelhantes à Fênix nas literaturas egípcia, judaica e chinesa serão analisados, a fim de verificar a possibilidade de confluências com as representações greco-latinas.

Estabelecer o marco temporal para o início das análises é razoavelmente fácil: a primeira menção da ave na literatura grega será o ponto de partida. Mas até que período deve se estender a análise de obras, visto que a Antiguidade Tardia não tem limites claros de duração, além de ser um período consideravelmente longo? A opção seguida neste trabalho foi limitar as análises ao primeiro poema que tomou a Fênix como tema principal e que

¹A mesma, mas não igual; e igual, mas não a mesma. (Tradução própria)

sobreviveu na íntegra até a época contemporânea. Tal escolha justifica-se não somente pelo ineditismo da obra à época, mas também pelo caráter do texto e pela situação histórica em que foi escrito.

De Ave Phoenix foi produzido provavelmente durante o reinado de Constantino I (HUBAUX; LEROY, 1939), o primeiro imperador Romano a abraçar publicamente o cristianismo. Era o início da época de cristianização do Império e a nova religião começava a influenciar mais intensamente a criação literária. O texto é atribuído a Lactâncio, autor cristão que foi conselheiro de Constantino I, mas não se tem certeza de sua autoria (CARRARA; NATIVIDADE, 2006). Na verdade, muitos críticos consideram o poema da autoria de Lactâncio por verem na obra referências cristãs, enquanto outros recusam essa atribuição pela grande quantidade de motivos pagãos no texto. Assim sendo, estudar *De Ave Phoenix* é uma oportunidade para entender como o mito da Fênix se desenvolveu nessa encruzilhada de influências, entre a preservação da tradição pagã e a incorporação da novidade do cristianismo.

Mas, como o saber produzido no meio universitário não deve ficar restrito apenas aos muros da academia, e sim ser compartilhado com a sociedade de modo a contribuir para o cumprimento do papel social dos cursos de licenciatura ofertados por Universidades públicas, este trabalho não poderia deixar de ofertar uma aplicação dos conhecimentos construídos sobre a Fênix para o ensino de Língua Portuguesa e Literatura. Tal proposta tem a vantagem de poder unir o estudo de textos muito antigos com criações culturais das mais recentes. Deste modo, a proposta de intervenção apresentada participa um pouco da natureza do mito da Fênix: une renovação com tradição para produzir uma síntese que pretende unir em si o melhor dos opostos.

1.2 Justificativa

Existem diversos motivos que justificam a relevância de uma investigação aprofundada acerca do mito da Fênix na Antiguidade Clássica e Tardia. Em primeiro lugar, é relevante pontuar que a Fênix se apresenta como uma figura de ampla recorrência na literatura ocidental, desde a Antiguidade até a Contemporaneidade, se mostrando um elemento simbólico significativo para a literatura. Por se tratar de um mito de grande importância cultural e histórica, seu estudo pode auxiliar na compreensão de obras literárias em que a ave é mencionada.

Em segundo lugar, a Fênix é uma figura que apresenta diferentes representações ao longo da história, de acordo com as particularidades culturais de cada período. Por isso, investigar como se deu sua evolução a partir das mudanças sofridas pela imagem da ave pode contribuir para a compreensão do papel simbólico desempenhado pelo mito ao longo das eras e nas diversas sociedades em que se fez presente, além de permitir o levantamento de hipóteses acerca do que motivou essa evolução.

Além disso, por se tratar de um símbolo que representa a ressurreição e a imortalidade, esta investigação pode contribuir para uma melhor compreensão histórica do mito, possibilitando o entendimento da maneira que temas como morte, renascimento e eternidade eram entendidos e representados pelos povos antigos.

Outra razão para a pesquisa é a importância de elementos simbólicos associados à Fênix na cultura popular contemporânea. Este mito tem fascinado as pessoas por milhares de anos e ainda se faz bastante presente hodiernamente, sendo representado de formas variadas em livros, filmes, jogos e outras mídias. A análise da sua evolução pode ajudar a entender de que modo este símbolo chegou até nós e como foi reinterpretado ao longo do tempo.

Finalmente, a tese pode trazer novas contribuições para o estudo da mitologia em geral, visto que a análise do mito da Fênix pode oferecer percepções sobre a maneira como os mitos são criados, modificados e transmitidos ao longo dos séculos. Além disso, o presente estudo pode ajudar a compreender como as narrativas mitológicas permeiam diferentes aspectos da vida humana, expressando ideias e valores em diferentes contextos históricos e culturais.

1.3 Objetivos

1.3.1 Objetivo geral

O objetivo desta pesquisa é realizar uma análise da representação da Fênix no poema *De Ave Phoenix*, atribuído a Lactâncio, estabelecendo conexões com o processo de evolução histórica das representações do mito na literatura greco-latina. Além disso, busca-se elaborar um projeto didático para o 3º ano do Ensino Médio em conformidade com as normas propostas pela Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e outros documentos norteadores.

1.3.2 Objetivos Específicos

1. Analisar as raízes históricas e culturais do mito da Fênix, tendo em conta outros mitos que apresentam elementos similares e que podem ter influenciado a sua construção.

2. Inventariar as principais obras e passagens da literatura greco-latina que abordam o mito da Fênix;
3. Identificar, através da comparação das representações da Fênix na literatura greco-latina, os principais elementos estruturais do mito na Antiguidade e as divergências mais significativas entre as representações;
4. Analisar o poema "*De Ave Phoenix*", indicando aproximações e distanciamentos da obra com outras representações precedentes da Fênix;
5. Verificar a existência da influência da doutrina cristã nas representações da Fênix na Antiguidade Tardia;
6. Discutir a importância do poema "*De Ave Phoenix*" para o processo de evolução do mito da Fênix na literatura greco-latina;
7. Desenvolver um projeto didático que abarque os quatro eixos do ensino de Língua Portuguesa e Literatura, que explore a temática da Fênix.

1.4 Fundamentação teórica

A fundamentação teórica deste estudo é baseada em uma variedade de fontes que abordam o mito da Fênix em diferentes tradições culturais e literárias, tendo como ponto de partida o livro *The myth of the Phoenix, according to classical and early Christian traditions*, de R. Van Den Broek (1972). Na obra, o autor oferece um amplo panorama do mito no mundo antigo, fornecendo elementos para o estabelecimento de comparações entre a Fênix e pássaros similares a ela nas tradições egípcia e judaica, além de apresentar um bom resumo das menções à ave na literatura grega e latina.

Outra obra que se debruça sobre o mito analisado no presente estudo é *The Phoenix: an unnatural biography of a mythical beast*, de Joseph Nigg (2016). Assim como Van Den Broek, Nigg oferece aportes para análise de aproximações e distanciamentos da Fênix ocidental com aves de outras culturas, especificamente com o *benú* Egípcio, o *hol* da literatura judaica e a *fēnghuáng* dos chineses. A obra também traz apontamentos importantes para o estudo do mito no contexto greco-romano.

Um panorama interessante sobre o mito na Antiguidade Clássica também pode ser encontrado em *Le Mythe Du Phénix dans littératures Grecque et latine*, de Jean Hubaux e Maxime Leroy (1939), que também se aprofunda na análise das obras tidas como mais importantes para o estudo da evolução do mito. O artigo *La fenice nella letteratura latina*, de Roberta Strati (2007), apesar de breve, também fornece uma interessante descrição das aparições do mito em autores latinos.

Durante a confecção deste estudo, “*The De Ave Phoenixe of Lactantius: a commentary and introduction*”, de Keith N. Harris (1978), também se mostrou uma fonte importante de opiniões acerca da Fênix que podem ser encontradas nas literaturas grega e latina, destacando-se por mencionar autores antigos pouco conhecidos, mesmo no âmbito do estudo de Letras Clássicas. A obra também é de grande valia para este estudo por debruçar-se sobre o poema *De Ave Phoenixe*, atribuído a Lactâncio, e cuja melhor compreensão é uma das metas do presente trabalho.

Além disso, este estudo também tem sua dívida com três obras de referência sobre mitologia clássica: o *Dizionario di Mitologia*, de Anna Ferrari (2018); o *Cassel's Dictionary of Classical Mythology*, de Jenny March (1998); e o *Dictionary of greek and roman biography and Mythology* (SMITH, 2000), que forneceram informações concisas sobre a Fênix e sobre outros elementos da cultura clássica greco-latina que se relacionam com o mito analisado. A tradução apresentada por Natividade e Carrara (2006) do *De Ave Phoenixe* de Lactâncio, além de fornecer algumas informações introdutórias sobre o problema da autoria da obra, auxiliou na análise de sentido do poema.

A edição de *De Ave Phoenixe* utilizada é a estabelecida por Alexander Riese, proveniente do apêndice da *Carmina* de Claudius Claudianus (1876), editada por Ludovicus Jeep. Para fins de conferência, o texto dessa edição também foi comparado ao fornecido pela *Opera Omnia* de Lactâncio (1844), da coleção *Patrologiae Latinae cursus completus, Volumen VII*.

A confecção do projeto didático baseou-se nos textos de João W. Geraldi (1997) e Marcuschi (2002) acerca dos eixos de ensino de Língua Portuguesa e os estudos de Suassuna, Melo e Coelho (2006), que orientam o formato escolhido. Além disso, a fim de construir uma intervenção alinhada aos documentos oficiais que orientam o ensino de Língua Portuguesa e Literatura no Brasil, foram levados em conta os direcionamentos da Base Nacional Curricular Comum (BNCC)².

1.5 Metodologia

O presente estudo teve como ponto de partida a coleta de informações através da pesquisa bibliográfica em obras anteriores em que o mito da Fênix na Antiguidade já havia sido estudado (BROEK, 1972; HARRIS, 1976; HUBAUX; LEROY, 1939; NIGG, 2016, STRATI, 2007). A partir dessa pesquisa foi possível proceder com a descrição dos mitos que cronologicamente antecedem ou são contemporâneos à aparição da Fênix na literatura grega e

² (BRASIL 2017)

latina que podem ter influenciado ou possuir origens em comum com o mito greco-latino. Em seguida, realizou-se, com o auxílio das obras de referência já mencionadas, a inventariação das mais importantes passagens acerca da Fênix nas literaturas grega e latina.

Posteriormente, tais passagens foram analisadas e comparadas, para que fosse possível delimitar os elementos principais do mito e as maiores divergências entre os autores clássicos. Com esse panorama histórico como plano de fundo, foi realizada a tradução, análise e comentário do poema *De Ave Phoenix*, buscando evidenciar as referências à tradições anteriores de representações da Fênix, as inovações encontradas no poema e possíveis influências do cristianismo nascente na obra. Finalizando o estudo, foram apresentadas considerações acerca do papel do poema no processo de evolução e transformação histórica das representações da ave Fênix.

O estudo iniciará com o apontamento e análise de mitos de aves semelhantes à Fênix nas literaturas egípcia, judaica e chinesa, a partir de obras de autores que trataram desses mitos (BROEK, 1972; HUBAUX; LEROY, 1939; NIGG, 2016), a fim de possibilitar, posteriormente, a identificação de similaridades entre as representações ocidentais e as de outras culturas.

O capítulo seguinte abordará a presença do mito nas literaturas grega e latina, inventariando e analisando os mais importantes textos legados pela Antiguidade Clássica e Tardia que tratam da ave. Tal esforço culminará na produção de uma síntese, expondo os principais elementos do mito e as mais relevantes divergências entre autores.

Mais adiante, será efetuada a tradução paralela do texto do poema *De Ave Phoenix*; precedida por uma breve contextualização histórica acerca de obra e do autor e sucedida por uma seção de comentários analíticos ao texto, que visam explicar o poema e indicar influências, sejam de origem pagã, sejam de origem cristã, no texto. Ao fim dos comentários encontra-se uma seção dedicada a discutir a importância e o local ocupado por *De Ave Phoenix* nas representações clássicas da Fênix.

O capítulo posterior tratará da possibilidade e da utilidade do uso das discussões acerca da Fênix no ensino de Língua Portuguesa e Literatura, em conformidade com a Base Nacional Curricular Comum (BNCC) e outros documentos oficiais que orientam o ensino de Língua e Literatura. O capítulo trará também uma proposta didática pensada para ser aplicável em turmas do Ensino Médio que aborde o tema da Fênix na literatura e representações atuais da ave na cultura popular.

2 O MITO

2.1 Origens Orientais do mito

2.1.1 Antigo Egito

Os registros que datam da Antiguidade Clássica e os estudos mais recentes acerca da mitologia antiga nos levam a acreditar que o mito da Fênix pode possuir alguma relação com o pássaro egípcio *benu* (*bnw*), forma do Deus-Sol no princípio dos tempos. Embora a Fênix descrita por Heródoto não possua semelhanças significativas em aparência ou hábitos com o *benu*, aspectos diversos como, especialmente, o seu lugar de origem podem ser indicativos de uma relação direta entre os mitos.

Os sacerdotes do Templo do Sol de Heliópolis, o mais antigo centro egípcio de adoração ao Deus Sol, acreditavam que este, durante a Criação, assumiu a forma do *benu* e pousou no monte de terra primordial que emergiu do primeiro mar. Foi a partir de seu brilho divino que, atravessando a escuridão infinita, a primeira luz foi originada e por seu canto, iniciou-se o tempo (NIGG, 2016). Posteriormente, é possível ver que muitos detalhes do mito da Fênix combinam com o mito do *benu* como local, associação com o Sol, o monte de terra onde o animal pousava e o caráter único da ave. Devido a estas semelhanças, após o século XIX, muitos egiptologistas passaram a traduzir a palavra *benu* (*bnw*) como Fênix.

Sendo o credo no nascer diário do Sol e nas enchentes sazonais do Nilo as bases principais da crença egípcia na vida eterna e ressurreição, a civilização desenvolveu diversas estratégias para assegurar uma passagem segura ao espírito. No caso do faraó e da nobreza, é possível encontrar textos fúnebres em pirâmides e sarcófagos atribuídos aos sacerdotes de Heliópolis onde há alusões ao *benu* que datam desde o Antigo Império (3200 a.C. - 2423 a.C.).

O nome da ave possui diversas origens possíveis, mas duas se destacam. A palavra *weben* (*wbn*), cujo significado pode ser associado a “se levantar” ou “brilhar” e *ben* (*bn*), que possui a ideia de círculo, ciclo, revolução ou retorno (NIGG, 2016). Portanto, *benu* pode significar “aquele que se levanta/brilha” ou “aquele que completa o ciclo”, características que também podem ser atribuídas ao Sol. Em Gardiner (2007), é possível observar a representação tradicional do ideograma “*benu*” que é, inclusive, traduzida como “Fênix”:

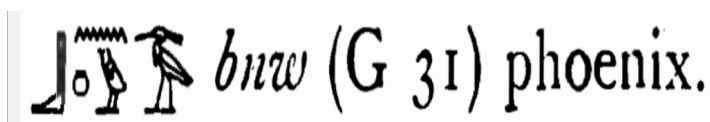


Imagem 1: Ideograma de *benu* (GARDINER, 2007)

A aparência do pássaro também possui divergências. Originalmente, o *benu* é descrito como um animal com uma crista formada por duas longas penas e semelhante a uma alvéola-amarela (*Motacilla flava*), ave passeiforme de pequeno porte e longa cauda, pertencente à família *Motacilidae*. Em representações posteriores, entretanto, assume a forma de um pássaro de porte médio ao grande, com pescoço e pernas compridas e semelhante às aves da família *Ardeidae*. A figura do *benu* pode ser associada especialmente à garça-real-europeia (*Ardea Cinerea*), que tipicamente pousa na primeira terra após uma cheia, imagem que podia ser interpretada como uma representação da Criação.

Em muitas artes, a ave também é representada pousada sobre uma elevação de formato piramidal, o *benben* (*bnbn*), pedra sagrada que simboliza o primeiro monte. Devido ao seu formato e sua associação com o Deus Rá, é possível também considerar uma ligação com a forma das pirâmides (NIGG, 2016).

Além da associação a Rá, o *benu* também é representado como uma forma do deus Atum, divindade criadora do céu e da terra e em algumas representações, filho de Rá. É também possível observar tal associação à forma Atum-Khepri, fusão da força criadora ao deus-escaravelho que é responsável por mover o Sol e portanto, também representava o ciclo diário de renascimento de Rá.

A primeira referência ao *benu* no corpus da literatura religiosa egípcia aparece no enunciado 600 dos Textos Piramidais, que evoca o mito da criação e relaciona o pássaro a uma forma de Atum-Khepri:

To say: O Atum-Khepri, when thou didst mount as a hill and didst shine as bnw of the ben (or, benben) in the temple of the “phoenix”, in Heliopolis, and didst spew out as Shu, and did spit out as Tefnut, (then) thou didst put thine arms about them, as the arm(s) of a ka, that thy ka might be in them.³ (FAULKNER, 1985)

Por se tratar de uma manifestação de Rá, a imagem do *benu* também é associada ao papel de guia divino, invocado pelos mortos no momento da transformação espiritual. No Livro dos Mortos, a ave também é associada a Osíris, deus egípcio do Além e da ressurreição. No capítulo 29b, é possível encontrar esta relação em uma passagem que deve ser inscrita em um amuleto a ser colocado sobre o peito do morto durante a mumificação para garantir que este não tenha seu coração roubado, mas seja julgado por seus atos em vida: “*I am the*

³ Para dizer: Ó, Atum-Khepri, quando emergisse como um monte/ e brilhaste como o bnw (benu) de ben (ou benben) no templo da “Fênix” em Heliópolis/ e cuspiste como Shu, e cuspiste como Tefnut,/ (então) puseste teus braços ao redor deles, como os braços de um ka, para que teu ka pudesse estar neles. (Tradução própria)

*phoenix, the soul of Re, who guides the gods to the Netherworld when they go forth.*⁴ (FAULKNER, 1985, p.55)

No capítulo 83 do Livro dos Mortos, o pássaro sagrado é indiretamente citado como uma das formas primordiais assumidas pelo morto juntamente com o escaravelho: “*I have flown up like the primeval ones, I have become Khepri, I have grown as a plant, I have clad myself as a tortoise, I am the essence of every god (...)*” (Ibidem, p.80)⁵

Embora esta não se trate de uma referência explícita, é possível estabelecer tal relação por meio das ilustrações presentes em papiros do período, como no Livro dos Mortos de Ani, onde uma representação do *benu* como uma ave semelhante a uma garça aparece no canto superior direito:

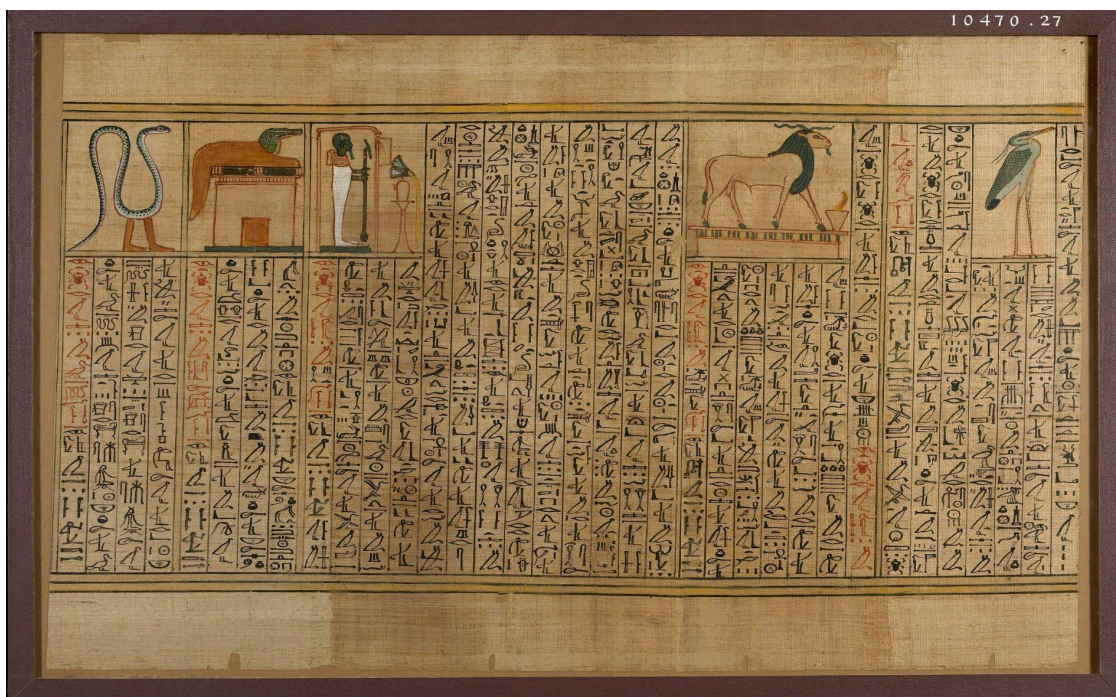


Imagem 2: Livro dos Mortos de Ani; figura 27; colorida. © The Trustees of the British Museum

No capítulo 100, há outra referência à ave em uma passagem que deve ser inscrita em um papiro esmaltado e misturado a água de mirra para ser depositado sobre o corpo do morto:

I have ferried over the phoenix to the East, Osiris in Busiris, I have thrown open the caverns of Hapi, I have cleared the paths of the solar disc, I have dragged Sokar on his sledge, I have made the Great Goddess powerful in her moment of action, I have

⁴ Eu sou a Fênix, alma de Rá, que guia os deuses para o submundo quando eles vão além. (Tradução própria)

⁵ Eu fluí acima como os primordiais, eu me tornei Khepri, eu cresci como uma planta, eu me disfarcei como uma tartaruga, eu sou a essência de todos os deuses [...] (Tradução própria)

hymned and worshiped the solar disc, I have joined with him who is with the worship baboons, and I am one of them. (*Ibidem*, p.98)⁶

Há uma nova menção ao *benu* no capítulo 122, que trata do retorno do espírito após sair do submundo: “*To me belongs everything, and the whole of it has been given to me. I have gone in as a falcon, I have come out as a phoenix; the Morning Star has made a path for me, and I enter in peace into the beautiful West.*” (*Ibidem*, p.114)⁷

Em ambos os trechos, o voo do *benu* é usado para simbolizar o sol nascente, uma imagem da transição entre o mundo espiritual e material que ocorre na morte. No capítulo 122, é feita a oposição entre dois elementos: a Fênix e o Falcão que simbolizam, respectivamente, o trajeto pelo Sol no Submundo até o amanhecer e o caminho do astro no mundo material em retorno ao poente. Tal oposição é confirmada pelo trecho “*I have cleared the paths for the solar disc, I have dragged Sokar on his sledge.*”, visto que o Deus Falcão é uma divindade associada ao Sol, sendo frequentemente representada com o disco solar e duas plumas em sua cabeça, e ao Submundo, sendo responsável por prestar assistência aos mortos em seu renascimento, transportando de barco o faraó. A frase “*the Morning Star has made a path for me*” evidencia mais um aspecto simbólico presente nessa representação, relacionando o *benu* à estrela matutina (ou planeta Vênus), a qual é reconhecida por preceder o Sol no amanhecer.

Também podem ser encontradas no trecho menções ao momento da Criação, associando a figura do *benu* a Atum-Rá. Dentre os acontecimentos citados, destacam-se a abertura das cavernas do deus do Nilo Hapi, permitindo a primeira enchente do rio, e o poder dado à Grande Deusa, Mut, esposa de Amon-Rá e geradora do mundo por meio das águas primordiais de Nu. Finalmente, as duas últimas frases evidenciam o papel duplo da ave como forma criadora e criação, visto que esta atua como forma de Atum-Rá no nascimento do mundo e ao mesmo tempo, se apresenta como discípula do Sol.

No capítulo 125, quando o morto declara inocência perante os deuses durante o julgamento, também é possível observar uma menção ao *benu* como uma referência de pureza e associada à Criação:

I am pure, pure, pure! My purity is the purity of that great phoenix which is in Heracleopolis, because I am indeed the nose of the Lord of Wind who made all men

⁶ “Eu carreguei a Fênix para o Ocidente, Osiris em Busíris, eu abri as cavernas de Hapi, eu desobstruí os caminhos do disco solar, eu arrastei Sokar em seu trenó, eu fiz a Grande Deusa poderosa em seu momento de ação, eu louvei e adorei o disco solar. Eu me juntei àquele que está com os babuínos adoradores, e eu sou um deles.” (Tradução própria)

⁷ “A mim tudo pertence, e o todo me foi dado. Eu entrei como um falcão, saí como uma Fênix. A Estrela da Manhã fez um caminho para mim, e eu entro em paz no belo Oriente.” (Tradução própria)

live on that day of completing the Sacred Eye in Heliopolis in the 2th month of winter last day, in the presence of the lord of this land.⁸ (*Ibidem*, p.29)

Assim, é possível observar que a figura do *benu* assumiu um papel simbólico de considerável relevância na cultura egípcia por um extenso período de tempo. No período em que foi citado por Heródoto, o culto à ave já possuía cerca de dois mil anos e permaneceu como elemento sagrado na mitologia egípcia majoritariamente associado a Osíris até a ocupação romana, quando é sincretizado com a Fênix nas moedas imperiais do reinado de Adriano, em 118 d.C. Em inscrições ptolomaicas (323 a.C. a 30 a.C), o *benu* passa a ser representado pousado na palmeira sagrada do templo de Heliópolis, imagem que também parece ter influenciado na representação romana do mito.

2.1.2 China

Além da representação egípcia, algumas descrições da ave sagrada podem levar a crer que este mito também possui origens em comum com narrativas chinesas. Presente na grande maioria dos textos clássicos chineses, a *fènghuáng* (鳳凰) era originalmente caracterizada como um par de pássaros, sendo *fèng* referente ao macho e *huáng*, à fêmea, mas tal distinção posteriormente se tornou mais rara (NIGG, 2016).

Durante a maior parte da tradição clássica chinesa, a *fènghuáng* foi representada como uma ave única com características de diferentes animais. De acordo com o *Erya* (尔雅), primeiro dicionário formal de ideogramas, datado do século III a.C., o pássaro possui o bico de uma galinha, o rosto de uma andorinha, a testa de um peru, o pescoço de uma cobra, o peito de um ganso, o dorso de uma tartaruga, o rabo de um peixe, cinco cores e seis pés de altura⁹ (cap. 17). Em menções posteriores, a aparência da ave também é representada pictoricamente como semelhante ao pavão (*Pavo cristatus*) ou ave-do-paraíso (aves da família *Paradisaeidae*), possuindo um bico adunco, longas pernas e pescoço, além de uma cauda com doze penas, exceto em anos com um mês extra, em que possui treze (WILLIAMS, 1974, p.137).

O animal parece possuir também relação com o número cinco (*wǔ*, 五), de importância na cultura chinesa. Além de possuir um canto de cinco notas, as cores presentes no corpo da *fènghuáng* são associadas às cinco virtudes cardeais: retidão, humanidade, virtude, honestidade e sinceridade. Além disso, as cinco partes de seu corpo buscam

⁸ Eu sou puro, puro, puro! Minha pureza é a pureza da grande Fênix que está em Heracleópolis, pois eu sou de fato o nariz do Senhor do Vento que fez todos os homens viverem naquele dia de completar o Sagrado Olho em Heliópolis no segundo mês do último dia de inverno, na presença do Senhor desta terra. (Tradução própria)

⁹ 雞頭、燕頤、蛇頸、龜背、魚尾、五彩色、高六尺许

simbolizar toda a natureza. Deste modo, a cabeça simboliza o sol, o dorso a lua, as asas o vento, a cauda as árvores e flores e seus pés a terra.

Tradicionalmente associado ao sol, à cor vermelha e ao verão, o pássaro é considerado pelo Clássico dos Ritos como uma das quatro criaturas inteligentes que governam os quadrantes do céu juntamente com o Qilin, a tartaruga e o dragão, sendo governante do quadrante Sul. Tratado como um animal celestial e sagrado, a *fènghuáng* é apresentada como um ser imortal e soberano, cujo voo seria acompanhado por outras 359 aves. (NIGG, 2016)

De acordo com a mitologia chinesa, o pássaro sagrado habita a remota Cordilheira Cunlum, terra dos sábios, em um ninho localizado no topo de uma Árvore de Guarda-sol Chinês (*Firmiana simplex*) ou Dryandra (*Dryandra tenuifolia*). Em relação aos seus hábitos, vive reclusa, alimentando-se de brotos de bambu e bebendo a água cristalina das fontes, deixando seu lar apenas em períodos prósperos e pacíficos, sob o reinado de governantes benevolentes ou nascimentos de grandes sábios, como Confúcio (WILLIAMS, 1974, p. 324).

A aparição da *fènghuáng*, portanto, passou a simbolizar bons auspícios ao reinado, sendo um motivo comum da literatura clássica chinesa. De acordo com o *Li Chi*, os antigos monarcas realizavam cerimônias onde era esperado que os Céus os presentearassem com a aparição de seus quatro governantes em reconhecimento à virtude e saúde de seus reinos. (LEGGE, n.d). Na Ode 8 do livro dos clássicos (*Shi Jing*, 诗经), datado do século I a.C., é dito:

The male and female phoenix fly about,
Their wings rustling,
As they soar up to heaven.
Many are your admirable officers, O king,
Waiting for your commands,
And loving the multitudes of the people.¹⁰
(WALTERS, 1995, p.137)

Por outro lado, sua ausência era descrita como causadora de profundo desespero. Em Os Anacletos (2006), Livro IX, Confúcio expressa sua angústia perante as más perspectivas dos primeiros anos do Período dos Estados Combatentes (475-221 a.C.): “O Mestre disse: ‘A Fênix não aparece, tampouco o rio revela um mapa. É o meu fim.’” (*Ibidem*, p.69). Neste trecho, tanto o desaparecimento da ave sagrada quanto de um mapa das posições dos planetas revelam presságios negativos para o Império. Tal augúrio ainda se mostra potencializado pela conhecida crença de que o pássaro havia comparecido ao nascimento do sábio.

A crença e utilização simbólica da ave mítica na cultura chinesa persistiu por muitos séculos, chegando a coexistir com o mito do *benu*, no Egito e da Fênix grega, visto que

¹⁰ As fênicas macho e fêmea voam,/ suas asas farfalhando/ enquanto elas se elevam ao céu./ Muitos são seus admiráveis oficiais, ó Rei,/ esperando pelo seus comandos/ e amando as multidões do povo. (Tradução própria)

Confúcio e Heródoto foram contemporâneos no século V a.C. Embora haja poucas evidências de contato direto entre tais culturas na Antiguidade, tal simultaneidade sugere que estes mitos possam ter sido influenciados por ideias ou valores compartilhados entre diferentes culturas antigas.

2.1.3 Mitologia judaica

As referências judaicas a uma ave sagrada são múltiplas e, por vezes, controversas. O pássaro é descrito na Torah¹¹ com diferentes formas, nomes e períodos ao longo de diferentes tradições, possuindo suas aparições mais significativas no Jardim do Éden, Arca de Noé, Êxodo, Jó e nas visões apocalípticas. Embora não seja possível apontar com certeza quais destas interpretações foram diretamente influenciadas pela mitologia greco-romana, é importante ressaltar que a figura do pássaro possui diversas características semelhantes à Fênix e constitui uma das bases para a alegoria cristã da Ressurreição.

A mais antiga menção ao pássaro sagrado é, provavelmente, anterior ao século 6 a.C. e, apesar de não figurar diretamente na tradição judaica, é fruto de seu trabalho. Ocorre em Salmos 91:12, onde é dito: "δικαιος ὡς φοῖνιξ ἀνθήσει ὡδεὶ κέδρος ἢ ἐν τῷ Λίβανον πληθυνθήσεται."¹² (SEPTUAGINTA, p.101)

Novamente, a simbologia da palmeira e associação ao sol estão presentes na palavra “φοῖνιξ”. Devido a tal semelhança, esta palavra foi também posteriormente traduzida por Tertuliano como “Fênix” em “*De Resurrectione Carnis*”: “*Deus etiam in scripturis suis, Et florebit enim inquit velut phoenix, id est de morte, de funere, uti credas de ignibus quoque substantiam corporis exigi posse.*”¹³ (EVANS, 1960, p. 34).

Em Jó, a menção à Fênix é encontrada na passagem “וַאֲמַר עַם קִנִּי אֶגּוּעַ וְכַחֲוֹל אֶרֶבָּה יָמִים”¹⁴. Embora em grande parte do Pentateuco a palavra *hōl* (חֹל) possua o sentido de “areia” e esta imagem como indicativo de uma grande quantidade não seja inadequada, como traduzido na versão siríaca (NIGG, 2016), o sentido não parece ter relação com a palavra “ninho”. Neste caso, a interpretação geral da frase associando *hōl* (חֹל) a um pássaro que perece em seu ninho foi aplicada por diversos comentários rabínicos que interpretam o texto como “*Then I thought*

¹¹ Neste trecho, foi utilizada a nomenclatura Torah para textos judaicos sacros, incluindo o Pentateuco e os escritos talmúdicos.

¹² “O justo florescerá como a palmeira, crescerá como o cedro do Líbano”. (BÍBLIA, 1993, Salmos 92:12.)

¹³ E Deus também em suas escrituras disse: E florescerás como a Fênix, assim como da morte e do funeral, acredita-se que a substância do corpo também possa ser regenerada a partir das cinzas. (Tradução própria)

¹⁴ “Então, eu dizia: morrerei no meu ninho, e multiplicarei os meus dias como areia.” (BÍBLIA, 1993, Jó 29:18.)

*I shall die with my nest and shall multiply my days as the phoenix.*¹⁵” (NIGG, 2016, p.85), visto que a palavra final da versão hebraica *hol* (חול) pode ser traduzida de ambas as formas.

Embora esta passagem não indique uma versão judaica do mito, é possível a partir dela estabelecer conexões que sustentam a hipótese de que a ave sagrada era conhecida pela tradição judaica. Em Bereshit Rabbah 19.5, ao comentar Gênesis 3.6¹⁶, é dito que Eva ofereceu o fruto proibido a todos os animais. Apenas o pássaro, *hol* (חול), recusou-o e por isso, foi presenteado com a vida eterna. É dito:

Also is an extension 7 ; she gave the cattle, beasts, and birds to eat of it. All obeyed her and ate thereof, except a certain bird named hoi (phoenix), as it is written, Then I said: I shall die with my nest, and I shall multiply my days as the hoi— EN. 'phoenix' (Job xxix, 18). The School of R. Jannai and R. Judan b. R. Simeon differ: The School of R. Jannai maintained: It lives a thousand years, at the end of which a fire issues from its nest and burns it up, yet as much as an egg is left, and it grows new limbs and lives again. R. Judan b. R. Simeon said: It lives a thousand years, at the end of which its body is consumed and its wings drop off, yet as much as an egg is left, whereupon it grows new limbs and lives again. (FREEDMAN, H; SIMON, M., p. 101)¹⁷

A partir do trecho, é possível compreender que a Fênix possui, na cultura judaica, uma associação direta com a piedade, sendo o único animal do Éden a não ser corrompido pelo fruto proibido e, portanto, o mais próximo da perfeição.

Os comentários rabínicos ainda oferecem dois diferentes meios para seu perecimento. Enquanto a Fênix da escola de Rav Jannai é cremada até que reste apenas um ovo, Rav Judan descreve que o animal é apenas consumido e perde suas asas. Apesar disso, é consenso entre ambos os comentaristas que a ave viveria mil anos antes de sua morte e que renasceria, sem dar origem a outro animal. Tais características se assemelham ao mito greco-romano da Fênix e, por razões temporais, é possível considerar a hipótese de que a presença do pássaro na literatura judaica tenha sido resultado do contato intercultural. É importante ressaltar que a interpretação rabínica também pode ter sido influenciada pelo significado duplo de φοῖνιξ, como será explorado adiante.

¹⁵ Então, eu pensei: morrerei no meu ninho, e multiplicarei os meus dias como a Fênix. (Tradução própria)

¹⁶ “Vendo a mulher que a árvore era boa para se comer, e agradável aos olhos, e que a árvore era desejável para dar entendimento, tomou do seu fruto, comeu, e deu também ao marido, e ele comeu” (BÍBLIA, 1993)

¹⁷ “É também uma extensão, 7: ela deu ao gado, às feras e aos pássaros para comer. Todos a obedeceram e portanto comeram, exceto um certo pássaro chamado *hol* (Fênix), como está escrito. “Então, eu dizia: morrerei no meu ninho, e multiplicarei os meus dias como a *hol*.”-EN. 'phoenix' (Jó 29.18). A escola de R. Jannai, R. Judan b. e R. Simeon discordam [entre si]: A escola de R. Jannai sustenta: Vive mil anos e no fim destes, um fogo sai de seu ninho e o queima, de modo que resta apenas um ovo, em que crescem membros e [o pássaro] vive de novo. R. Judan b. e R. Simeon dizem: Vive por mil anos, e no fim destes, seu corpo é consumido e suas asas caem, de modo que resta apenas um ovo, em que crescem novos membros e [o pássaro] vive de novo. (FREEDMAN, H; SIMON, M., p. 101)

Outra aparição relevante da Fênix nos comentários rabínicos ocorre no tratado Sanhedrin do Talmud Babilônico, o mais longo e influente dos dois Talmudes instrucionais, tendo sido compilado e redigido ao longo de vários séculos e formalizado no ano de 550 d.C. Nele, encontra-se uma menção à Fênix em um comentário de Gênesis 8:19¹⁸. De acordo com o escrito rabínico, o filho mais velho de Noé, Cem, conta a Abraão sobre a viagem, narrando os problemas enfrentados por seu pai para alimentar os animais da arca. A Fênix, entretanto, não exigiu muito esforço:

As for the phoenix, my father discovered it lying in the hold of the ark. 'Dost thou require no food?' he asked it. 'I saw that thou wast busy,' it replied, 'so I said to myself I will give thee no trouble.' 'May it be God's will that thou shouldst not perish,' he exclaimed; as it is written, Then I said, I shall die in the nest, but I shall multiply my days as the phoenix¹⁹ (TALMUD BABILÔNICO, Sanhedrin 108b, vol. 2, p. 747-748)

Como é frequente nas descrições da Fênix, o animal não necessita de alimento para sobreviver, e sua longevidade é associada à vontade divina. Outro elemento curioso e não encontrado em nenhuma outra descrição antiga do pássaro, é que a Fênix se apresenta como um ser racional e falante, distanciando-se dos animais não apenas pelo espaço físico que ocupa no porão da arca, mas por suas capacidades.

As alusões a pássaros semelhantes ou associados à Fênix se estendem para além das escrituras sacras hebraicas, sendo três os principais escritos judaicos mais frequentemente conectados ao animal.

Ezequiel, O Dramaturgo²⁰, em sua peça *Exagoge*, conforme descrito na *Praeparatio Evangelica*, de Eusébio de Cesárea (séc IV a.C.), em excerto da obra *Ἰουδαϊκά*, de Alexander Polyhistor (séc I a.C.), descreve um pássaro que aparece aos judeus como um prenúncio da Terra Prometida, surgindo em um oásis no deserto:

Another living thing we saw, more strange
And marvelous than man e'er saw before.
The noblest eagle scarce was half as large:
His outspread wings with varying colors shone;
The breast was bright with purple, and the legs
With crimson glowed, and on the shapely neck
The golden plumage shone in graceful curves:
The head was like a gentle nestling's formed:
Bright shone the yellow circlet of the eye

¹⁸ "Todos os animais selvagens, todos os animais domésticos, todos os pássaros e todos os pequenos animais que se movem rente ao chão, conforme as suas espécies, saíram da arca." (BÍBLIA, Gênesis 8:19)

¹⁹ Quanto à Fênix, meu pai a descobriu deitada no porão da arca. "Não precisas de alimento?", perguntou-lhe. 'Eu vi que estavas ocupado' respondeu 'então disse a mim mesma que não te daria trabalho'. 'Que seja da vontade de Deus que não pereças', exclamou ele; como está escrito, 'Então eu disse: 'morrerei no meu ninho, mas multiplicarei os meus dias como a Fênix. (Tradução própria)

²⁰ Acredita-se que Ezequiel, O Dramaturgo, foi um judeu helênico habitante de Alexandria durante o séc II a.CE e escritor de peças, embora só restem fragmentos de seu trabalho. Não se trata do profeta Ezequiel.

On all around, and wondrous sweet the voice.
 The king he seemed of all the winged tribe,
 As soon was proved; for birds of every kind
 Hovered in fear behind his stately form:
 While like a bull, proud leader of the herd,
 Foremost he marched with swift and haughty step.²¹ (CESÁREA, Eusébio, *Praeparatio Evangelica*, 9:29, 439d–447a)

Apesar de tratar de um animal sem nome, o pássaro foi associado à Fênix em traduções posteriores devido à semelhança em suas características físicas como a coloração violeta e dourada, o pescoço longo e o belo canto emitido. Dentre os aspectos marcantes da aparição, também destacam-se a altivez e a soberania perante as outras aves, que a temem e seguem.

Durante o período de composição do texto de Ezequiel (séc II a.C.), as alusões à Fênix eram poucas na literatura greco-romana, entretanto é notável que os pássaros possuem similaridades, embora ave de Ezequiel se apresente como um animal muito maior do que qualquer outra descrição da Fênix à época. As similitudes são apontadas por Pseudo-Eustácio (séc.V ou VI d.C.) ao citar em seu catálogo de aves nascidas no quinto dia da Criação, na obra *Commentarius in Hexaemeron*, o pássaro de Ezequiel juntamente à Fênix de Aquiles Tácio.²²

Conhecido como o Enoque Eslavônico ou Segundo Enoque, o Livro dos Segredos de Enoque é atribuído a um judeu helênico no Egito e possui duas versões em eslavônico que sobreviveram até o fim do século XIX, (PSEUDEPIGRAPHIA, 1985, p.429.) uma delas contém menções à Fênix.

O animal é inicialmente citado no quarto céu, quando os anjos de Enoque o mostram a carruagem do sol, acompanhada por dois pares de seres místicos: “*And I looked and saw other flying elements of the sun, whose names are Phoenixes and Chalkydri, marvelous and wonderful*²³ (...)” (*Ibidem*, p.436, a12.1-3). A aparição de mais de um exemplar da Fênix é rara, visto que este é frequentemente caracterizado como um animal único. Outro elemento notável é sua relação direta com o sol e com a divindade, visto que poucas linhas depois os animais são descritos cantando sob comando divino: “*Then the elements of the sun, called Phoenixes and Chalkydri break into song, therefore every bird flutters with its wings,*

²¹ Vimos outra criatura viva, mais estranha/ e maravilhosa do que o homem jamais viu/ a nobre águia mal possuía metade de sua grandeza/ suas asas estendidas brilhavam com cores variadas/ o peito era brilhante em púrpura, e as pernas/ brilhavam em carmesim, e no pescoço elegante/ a plumagem dourada brilhava em curvas graciosas/ a cabeça era como a de um filhote gentil:/ o círculo amarelo dos olhos brilhava intensamente/ em tudo ao redor, maravilhosamente doce era a sua voz/ ele parecia ser o rei de todas as aves/ Como logo se provou; pois aves de todo tipo/ pairavam amedrontadas atrás de sua forma majestosa:/ enquanto como um touro, líder orgulhoso do rebanho,/Ele marchava à frente com passos rápidos e altivos. (Tradução própria)

²² (WACHOLDER, BOWMAN, 1985, p.259) e (BROEK, 1972, 121-122)

²³ E eu olhei e vi outros elementos voadores do sol, cujos nomes eram fênicas e chalkydri, maravilhosos e incríveis (Tradução própria)

*rejoicing at the giver of light, and they broke into song at the command of the Lord.*²⁴”
(*Ibidem*, p. 437, a15.1.)

No Apocalipse grego de Baruch, também conhecido como Terceiro Baruch, livro apócrifo que narra as visões do secretário do profeta Jeremias, o animal é citado como um “guardião da terra” voando juntamente com o sol.

And I said, Lord, what is this bird, and what is his name? And the angel said to me, His name is called Phoenix. (And I said), And what does he eat? And he said to me, The manna of heaven and the dew of earth. And I said, Does the bird excrete? And he said to me, He excretes a worm, and the excrement of the worm is cinnamon, which kings and princes use.²⁵ (*Ibidem*, p. 536–37, 6.1-12)

A partir do trecho, é perceptível portanto que a ideia de que a Fênix não necessitaria de alimento mundano se mostra frequente na cultura judaica. Outro elemento curioso é sua associação com a canela, material oleroso produzido pelo verme que sai dos excrementos do pássaro, ressaltando sua nobreza.

2.2 Registros do mito na literatura grega

As representações da Fênix na literatura grega são esparsas e, por vezes, parecem aludir a outros significados. Entretanto, é possível observar determinadas menções ao pássaro imorredouro em autores gregos e, portanto, inferir alguns aspectos acerca de sua inserção na cultura helênica.

Embora a palavra φοῖνιξ apareça em textos como Homero e em inscrições em Linear B (HARRIS, 1978), isto se deve às múltiplas interpretações e significados dados a essa palavra no início do dialeto iônico. Na *Iliada*, o termo é utilizado diretamente para nomear tanto o antigo tutor de Aquiles como o fundador da Fenícia, pai da Europa. Além disso, é possível encontrar variações para se referir a cores de tom arroxeado ou carmim, devido a associação grega do pigmento à região púnica. O mesmo ocorre na *Odisséia*: a palavra φοινίκη é utilizada como epíteto para barcos de proa vermelha.

Tendo em vista tais informações, é possível afirmar que a mais antiga referência do mito na literatura grega é em *Praecepta Quironis*, atribuído a Hesíodo, escrito por volta de 700 a.C. e citado por Plutarco em *De Defectu Oraculorum* 11:

²⁴ Então os elementos do sol, chamados Fênicas e Chalkydri iniciaram uma canção e portanto todos os pássaros farfalharam junto suas asas, regozijando ao criador da luz, e iniciaram um canto ao comando do Senhor (Tradução própria)

²⁵ E eu disse: Senhor, o que é este pássaro e qual o seu nome?” E o anjo disse a mim: “O nome dele é Fênix” (e eu disse) “E o que ele come?” e ele disse a mim: “o maná do céu e o orvalho da terra”. E eu disse: “O pássaro excreta?” e ele disse a mim: “Ele excreta um verme, e o excremento do verme é a canela, que é usada por reis e príncipes. (Tradução própria)

έννέα τοι ζώει γενεὰς λακέρυζα κορώνη,
 ἀνδρῶν ἡβώντων 2 ἔλαφος δέ τε τετρακόρωνος
 τρεῖς δ' ἑλάφους ὁ κόραξ γηράσκειται αὐτὰρ ὁ φοῖνιξ
 έννέα τοὺς κόρακας· δέκα δ' ἡμεῖς τοὺς φοῖνικας
 νύμφαι ἐυπλόκαμοι, κοῦραι Διὸς αἰγιόχοιο²⁶ (Plut., *De Defectu Orac.*, 11)

O trecho, que compara a vida de uma Ninfa à de outros seres, define as filhas de Zeus como os seres mais longevos, vivendo cerca de 9.720 vezes a mais que um homem, e a Fênix como o animal mais duradouro, com a expectativa de vida 972 vezes maior que a humana (NIGG, 2016). Embora o tempo de vida exato de um humano não seja estabelecido pelo poeta, abrindo espaço para hipóteses diversas, é razoável reconhecer que a primeira aparição da Fênix busca caracterizá-lo como um ser longo e mais próximo aos deuses, visto que é a única ave mitológica citada, estando imediatamente abaixo das Ninfas.

A ausência de menções à Fênix em Homero e sua ocorrência em Hesíodo podem nos fornecer uma pista histórica interessante acerca de seu surgimento na literatura grega, indicando que o mito não era conhecido por Homero ou não apresentava significância cultural à época, tendo florescido durante as décadas que separam seu trabalho do de Hesíodo.

É possível que outras alusões ao pássaro tenham se perdido ou derivado da literatura oral, visto que a Fênix só é mencionada novamente cerca de 250 anos após os escritos hesiódicos. Na *Historiae*, de Heródoto, o autor conta que, durante suas viagens, teve contato com a história da Fênix narrada em Heliópolis:

ἔστι δὲ καὶ ἄλλος ὄρνις ἱρός, τῷ οὐνομα φοῖνιξ. ἐγὼ μὲν μιν οὐκ εἶδον εἰ μὴ ὅσον γραφῇ: καὶ γὰρ δὴ καὶ σπάνιος ἐπιφοιτᾷ σφι, δι' ἐτέων, ὥς Ἥλιοπολῖται λέγουσι, πεντακοσίων: φοιτᾷ δὲ τότε φασὶ ἐπεὶ οἱ ἀποθάνῃ ὁ πατήρ. ἔστι δέ, εἰ τῇ γραφῇ παρόμοιος, τοσόσδε καὶ τοιόσδε: τὰ μὲν αὐτοῦ χρυσόκομα τῶν πτερῶν τὰ δὲ ἐρυθρὰ ἐς τὰ μάλιστα: αἰετῷ περιήγησιν ὁμοιότατος καὶ τὸ μέγας. τοῦτον δὲ λέγουσι μηχανᾶσθαι τάδε, ἐμοὶ μὲν οὐ πιστὰ λέγοντες: ἐξ Ἀραβίης ὁρμώμενον ἐς τὸ ἱὸν τοῦ Ἥλιου κομίζειν τὸν πατέρα ἐν σμύρνῃ ἐμπλάσσοντα καὶ θάπτειν ἐν τοῦ Ἥλιου τῷ ἱρῷ, κομίζειν δὲ οὕτω: πρῶτον τῆς σμύρνῃς φὸν πλάσσειν ὅσον τε δυνατός ἐστι φέρειν, μετὰ δὲ πειρᾶσθαι αὐτὸ φορέοντα, ἐπεὶ δὲ ἀποπειρηθῇ, οὕτω δὴ κοιλήσαντα τὸ φὸν τὸν πατέρα ἐς αὐτὸ ἐντιθέναι, σμύρνῃ δὲ ἄλλῃ ἐμπλάσσειν τοῦτο κατ' ὃ τι τοῦ φὸς ἐκκοιλήνας ἐνέθηκε τὸν πατέρα: ἐσκεμμένου δὲ τοῦ πατρὸς γίνεσθαι τὸντὸ βάρος: ἐμπλάσαντα δὲ κομίζειν μιν ἐπ' Αἰγύπτου ἐς τοῦ Ἥλιου τὸ ἱόν. ταῦτα μὲν τοῦτον τὸν ὄρνιν λέγουσι ποιεῖν.²⁷ (Herodot., *Hist.*, 2:72-74)

²⁶ Uma gralha sobrevive a nove gerações da vida de homens maduros, mas a vida de um cervo é quatro vezes a de uma gralha, e a vida de um corvo equivale à de três cervos, enquanto a Fênix sobrevive a nove corvos, mas nós, as ninfas de cabelos ricos, filhas de Zeus, o portador da égide, vivemos mais do que dez Fênix. (Tradução própria)

²⁷ Os egípcios possuem um pássaro sagrado chamado fênix, que eu mesmo nunca vi exceto em imagens. É realmente uma grande raridade, até mesmo no Egito, apenas indo lá (de acordo com os relatos do povo de Heliópolis) uma vez a cada quinhentos anos, quando a antiga Fênix morre. Seu tamanho e aparência, se é como nas imagens, são as seguintes: a plumagem é parcialmente vermelha, parcialmente dourada, enquanto o porte e tamanho gerais são quase exatamente os de uma águia. Eles contam uma história do que este pássaro faz, o que não me parece crível, que ele vem da Arábia e traz seu pai pássaro, todo emplastrado de mirra, ao Templo do Sol, e lá enterra o corpo. Para trazê-lo, dizem, ele primeiro forma uma bola de mirra tão grande quanto pode carregar; então a torna oca e põe seu pai dentro, cobrindo depois a abertura com mirra fresca, e a bola então é

Embora a história possua características que remetem ao mito do *benu*, é importante destacar que Heródoto utiliza outro nome para se referir ao pássaro, assim como faz com os próprios deuses egípcios, a quem dá nomes gregos. Além disso, há menções à palavra *φοῖνιξ* e suas variantes que também não se referem ao animal mítico, significando especialmente a cor vermelha. Esta pode ser uma das possíveis explicações para a escolha lexical do autor, visto que o pássaro apresenta o vermelho como uma de suas cores predominantes.

Esta também é a primeira citação da Arábia como berço do pássaro. A associação parece ter relação com o mito do *benu*, já que este é descrito como um pássaro que vem do Oriente²⁸, mesmo lugar de onde nasce o Sol. Esta relação é ressaltada pela coloração das penas da Fênix, semelhantes às cores do amanhecer.²⁹ Outro elemento importante que liga o pássaro às terras sagradas trata-se de sua profunda relação com substâncias olerosas e o uso da própria mirra, material árabe utilizado pelos egípcios durante o processo de embalsamamento (BROEK, 1982, p. 138).

Heródoto não dá detalhes acerca da morte e do renascimento do animal, deixando apenas implícito que, a cada 500 anos, a Fênix realiza seu ciclo. Tal longevidade parece derivar de alguma referência perdida ou ter sido inserida pelo próprio autor, visto que não existem escritos acerca do *benu* que mencionem esta quantidade de tempo (*Ibidem*, p.402). Ao mencionar o Templo do Sol de Heliópolis, entretanto, Heródoto estabelece uma referência direta ao pássaro egípcio, visto que este era o único local relacionado à Criação e, portanto, ao *benu*.

Em alusão direta ao trabalho de Heródoto, é dito pelo poeta cômico Antífanos no século IV a.C.: “ἐν ᾧ Ἡλίου μὲν φασι γίνεσθαι πόλει φοίνικας”³⁰ (Athen. *Dipnosophist.*, 655b). Apesar de sucinto, trata-se de um excerto curioso devido ao plural *φοίνικας*, evidenciando que o caráter único da ave não havia sido estabelecido na cultura grega.

Posteriormente, Enesidemo, no século I a.C., como citado em Diógenes Laércio no século III d.C., caracteriza a fênix como uma criatura que se reproduz sem coito e vive no fogo, como os vermes (Laert., Diog. *Lives of Eminent Philosophers*, 1970).

exatamente do mesmo peso que a primeira; então ele a traz ao Egito, emplastrada como eu disse, e a deposita no Templo do Sol. Esta é a história que eles contam dos feitos deste pássaro. (Tradução própria)

²⁸ (FAULKNER, 1985)

²⁹ Aqui, encontra-se outra divergência da figura do *benu*, visto que este era frequentemente representado na cultura egípcia em tons de marrom e cinza (NIGG, 2016), como pode ser observado na Imagem 2. (p.24)

³⁰ Em Heliópolis, há fênices; (Tradução própria) (BROEK, 1985, p. 395)

Devido à modesta quantidade de alusões à fênix na cultura grega, pode-se inferir que o mito ainda passava por um período de estabelecimento, possuindo pouca significância na arte e literatura (NIGG, 2016). Entretanto, em tempos posteriores, a cultura latina parece ter atribuído grande importância à figura da Fênix.

2.3 A Fênix na literatura latina

A partir do reinado de Augusto (63 a.C. a 14 d.C.), foram feitas diversas alusões à Fênix na literatura latina, o que indica que o mito do pássaro era de conhecimento comum da população erudita de Roma. FitzPatrick (1933) argumenta que o interesse dos latinos pela ave cresceu significativamente depois que o imperador mandou trazer de Heliópolis o Obelisco Flamínio, onde se lia uma referência ao templo da Fênix. Este obelisco, que foi colocado em lugar de destaque no Circo Máximo no ano de 10 a.C. (D'ONOFRIO, 1967), pode ter servido de inspiração para a primeira citação da ave na literatura latina.

Em escritos acerca da Fênix, a maior parte dos autores busca aludir, repetir ou elaborar elementos já conhecidos do mito na cultura grega, especialmente em Heródoto. Assim, podem ser encontrados diversos escritos detalhando a morte e o renascimento do pássaro, bem como seus hábitos em vida. Neles, é possível observar diversas mudanças e permanências de abordagem que contribuíram para o desenvolvimento cultural do mito.

O primeiro registro que se tem da Fênix na literatura latina encontra-se nos *Amores*, de Públio Ovídio Nasão (STRATI, 2007). O sexto *Carmen* do segundo livro é um lamento por um pássaro morto, especificamente o papagaio de Corinna, personagem ficcional feminina a quem o autor toma como motivo para suas elegias amorosas. Aproveitando-se de um tema comum nos epigramas helenísticos, o lamento por um animal morto, Ovídio parece escrever este poema como uma resposta ou imitação do *Carmen* 3, de Catulo, em que o poeta neotérico chora a morte do pássaro de Lésbia (STRATI, 2007). Depois de fazer o encômio da ave de Corinna, Nasão apresenta, a título de consolo, o destino que a aguarda no além-túmulo:

Colle sub Elysio nigra nemus ilice frondet,
 udaeque perpetuo gramine terra viret.
 siqua fides dubiis, volucrum locus ille piarum
 dicitur, obscenae quo prohibentur aves.
 illic innocui late pascuntur olores
 et vivax phoenix, unica semper avis;
 explicat ipsa suas ales Iunonia pinnae,
 oscula dat cupido blanda columba mari.
 psittacus has inter nemorali sede receptus

convertit volucres in sua verba pias.³¹ (Ovid. *Amores*, II, 6)

Nestes versos, que provavelmente datam da última década do século I a.C. (CASA, 1982), Ovídio menciona a ave Fênix sem fazer uma explicação acerca do animal, o que torna possível supor que já nos últimos anos desse século, o mito era de conhecimento geral entre a elite culta de Roma. No trecho em questão, o poeta apresenta a morada da Fênix como um paraíso para aves em que, à maneira dos Campos Elíseos, só seres piedosos poderiam entrar. O próprio espaço habitado pela Fênix indica algo da natureza que ela possui: é um bosque eternamente verdejante, isento das vicissitudes do mundo comum, da mesma maneira que seus habitantes seriam isentos de imperfeições morais ou corpóreas. Importante notar que a Fênix é mencionada juntamente com pássaros que eram, todos, gratos a algum deus, como o pavão de Juno ou as pombas e os cisnes amados por Vênus (COMMELIN, 2011).

No verso que faz referência direta à Fênix, Ovídio utiliza duas expressões para caracterizar o animal mítico: *vivax*, isto é, que vive muitos anos (SARAIVA, 2019) e *semper unica*, o que indica que a Fênix era considerada um referencial de longevidade e singularidade. Esses epítetos aparecerão com alguma frequência em representações posteriores da ave.

Em obra posterior, *Metamorphoses*, que provavelmente foi publicada por volta do ano 8 d.C. (CORTE; LLORCA, 2008), Ovídio faz uma descrição mais completa do mito. No livro XV, Pitágoras, discursando sobre a natureza do mundo, depois de descrever a geração fantástica de alguns animais, narra a da Fênix, que é diferente de todas as outras:

Haec tamen ex aliis generis primordia ducunt,
una est, quae reparet seque ipsa reseminet, ales:
Assyrii phoenica vocant; non fruge neque herbis,
sed turis lacrimis et suco vivit amomi.
haec ubi quinque suae conplevit saecula vitae,
ilicet in ramis tremulaeque cacumine palmae
unguibus et puro nidum sibi construit ore,
quo simul ac casias et nardi lenis aristas
quassaque cum fulva substravit cinnama murra,
se super inponit finitque in odoribus aevum.
inde ferunt, totidem qui vivere debeat annos,
corpore de patrio parvum phoenica renasci;
cum dedit huic aetas vires, onerique ferendo est,
ponderibus nidi ramos levat arboris altae
fertque pius cunasque suas patriumque sepulcrum
perque leves auras Hyperionis urbe potitus

³¹ Lá, sob colina Elisia, um bosque de escura folhagem frondeja,/e a úmida terra com grama perpétua verdeja/ se alguma fê [há de se dar] às coisas dúbias, aquele é dito o lugar das pias aves/ onde não entram aves imorais./ lá, ao largo, pascem cisnes inocentes inócuos/ e a vivaz Fênix, sempre única ave; estende suas próprias asas o pássaro de Juno/ E beijos carinhosos dá a pomba ao macho apaixonado./ acolhido entre estes [pássaros] na sede do bosque/ voltam-se aos pássaros para suas palavras piedosas. (Tradução própria)

ante fores sacras Hyperionis aede reponit. ³²(Ovid., *Metamorph.*, XV, 391 - 407)

Algumas informações presentes neste trecho possibilitam inferências sobre a Fênix: a especial ligação que o animal tem com o incenso e outras matérias olerosas reforça a imagem de um ser à parte do mundo, incontaminado, e que por isso não consome o mesmo alimento que outros animais, mas uma matéria que se costuma oferecer aos deuses.³³ As espécies olerosas também acompanham a Fênix até a morte, pois cobrem o ninho que ela constrói depois de viver o tempo que lhe cabe, 500 anos.³⁴ A aparição da palmeira também é um elemento comum na descrição da Fênix, dada a relação semântica entre as duas palavras. Além disso, Ovídio novamente dá ênfase à singularidade da ave, utilizando-se do termo “*una*”, que em latim tem somente o sentido de “único”.

Convém notar que Ovídio não faz nenhuma referência explícita à autocremação e a nova Fênix nasceria do corpo de seu pai, não de suas cinzas. Pelo que se pode perceber, na versão ovidiana do mito, a Fênix não renasce depois de morta, mas dá a vida a outro exemplar da mesma espécie.

A ave aparece nestes versos como um animal que se destaca por respeitar as leis sagradas (*pius*, no dizer de Ovídio), pois é rápida para realizar seus deveres filiais e carregar o corpo do pai para a Cidade do Sol, onde o deposita. Nos dois últimos versos do excerto, faz-se presente a mesma palavra que ocupa o meio de ambos: o genitivo *Hyperionis*. Essa repetição, da maneira que foi construída, necessariamente chama a atenção para a ligação entre o destino final da ave e o titã Hyperion, o que ressalta o caráter fortemente solar da Fênix.

Pompônio Mela, conhecido por ser o primeiro autor a escrever um tratado geográfico em língua latina, também menciona a Fênix em seu *De chorographia libri tres*, escrito por volta de 43 d.C. (BRITANNICA, 2016). No texto, a ave é uma das maravilhas das terras arábicas que são dignas de menção:

de volucris praecipue referenda Phoenix, semper unica; non enim coitu concipitur partuve generatur, sed ubi quingentorum annorum aevo perpetua duravit, super exaggeratam variis odoribus struem sibi ipsa incubat solviturque; dein putrescentium

³² Mas estes têm origens em seres de outros gêneros,/ Existe uma única ave que se semeia e repara-se a si mesmo:/ Ós assírios chamam-lhe Fênix; nem de frutos nem de erva/ Mas de lágrimas de incenso e suco de amomo vive./ Está, ao completar cinco séculos de vida,/ Em ramos de azinheiro ou no culme trêmulo de uma palmeira/ Constrói para si, com suas unhas e puro bico, um ninho/ E o forra de de canela e macias espigas de nardo./ De cinamomo batido e de amarelada mirra./ Coloca-se sobre ele e finda entre aromas a sua idade./ Então, dizem, uma pequena Fênix, que deverá viver/ o mesmo número de anos, renasce do corpo paterno;/ Quando a idade dá-lhe forças, e deve carregar a obrigação./ Carrega, piedoso, seus berços e o sepulcro de seu pai./ Pelas leves auras dirige-se à cidade de Hipérion./ E deposita [sua carga] antes as sacras portas do templo de Hipérion. (Tradução própria)

³³ “*Sic capitur minimo turis honore deos*” (Ovid., *Tristia*, II, 76); Assim, o deus [também] é conquistado pela pequena honra do incenso. (Tradução própria)

³⁴ Ovídio segue Heródoto em relação à expectativa de vida da ave.

membrorum tabe concrescens ipsa se concipit atque ex se rursus renascitur. cum adolevit, ossa pristini corporis inclusa murra Aegyptum exportat et in urbe quam Solis adpellant flagrantibus arae bustis inferens memorando funere consecrat.³⁵ (Pomp. Mela, *De chorograph.* 3, 83)

A primeira característica que Mela escolheu relatar da Fênix é a sua singularidade, utilizando-se de uma expressão quase idêntica à utilizada por Ovídio nos *Amores*, *semper unica*. O trecho também ressalta que a ave não se reproduz por coito ou nasce de um parto, afastando-a do caráter mundano de outros animais. Assim como em Ovídio, a ave vive 500 anos, depois dos quais constrói para si uma pilha³⁶ de materiais olerosos, onde se deita e morre. Depois, do humor dos membros apodrecidos, concebe-se a si própria e renasce. Em consonância com o poeta de Sulmona, Mela também não inclui a autocremação como parte do processo de renascimento, porém no presente trecho fica claro que o corpo do animal apodrece, o que de algum modo contribui uma desmitificação da Fênix, que também estaria sujeita à corrupção corpórea como os outros seres vivos.

Ademais, o trecho “*cum adolevit, ossa pristini corporis inclusa murra (...)*”³⁷ indica uma continuidade entre a Fênix nova e a antiga, visto que é dito que a ave carrega os ossos de seu antigo corpo. Por fim, a Fênix de Mela realiza seus ritos fúnebres de maneira semelhante à descrita por Nasão: carrega seus restos envoltos em mirra até a Cidade do Sol, no Egito, onde os incinera.

Das notícias acerca da Fênix que nos chegaram da Antiguidade, uma das mais completas foi legada por Plínio, O Velho, em sua obra *Naturalis Historia*, escrita em 77 d.C. (BRITANNICA, 2020a). Plínio principia o livro X, que trata de ornitologia, com uma descrição da Fênix, visto que de todas as aves, ela seria a mais ilustre. No trecho, o autor oferece um resumo das informações correntes acerca da ave à época, fornecidas por diversos escritores:

Aethiopes atque Indi discolores maxime et inenarrabiles ferunt aves et ante omnes nobilem Arabiae phoenicem, haud scio an fabulose, unum in toto orbe nec visum magno opere. Aquilae narratur magnitudine, auri fulgore circa colla, cetero purpureus, caeruleam roseis caudam pinnis distinguuntibus, cristis fauces caputque plumeo apice honestante. Primus atque diligentissime togatorum de eo prodidit Manilius, senator ille maximis nobilis doctrinis doctore nullo: neminem extitisse qui viderit vescentem, sacrum in Arabia Soli esse, vivere annis DXL, senescentem

³⁵Sobre as aves, a mais digna de ser referida é a Fênix, sempre única, pois não nasce através de coito e de parto, mas, depois de viver quinhentos anos contínuos, deita-se sobre uma pilha amontoadas de [substâncias] de vários aromas, dissolve-se então e, condensando-se do derretimento de seus membros apodrecidos, concebe-se e renasce a partir de si mesma. Depois de crescida, transporta os ossos do corpo anterior, encerrados em mirra, para o Egito e, na cidade que dizem do Sol, consagra em memorável funeral deitando-os na sepultura ardente de um altar. (*Tradução própria*)

³⁶A palavra *strues* pode também ser traduzida como “pira funerária”, mas a ausência de elementos que remetam à cremação no texto de Pompônio resultou na opção de traduzi-la por “pilha” ou “monte”. (SARAIWA, 2019)

³⁷Quando chega à maturidade, carrega os ossos do corpo anterior (...) (*Tradução própria*)

casiae turisque surculis construere nidum, replere odoribus et superemori. Ex ossibus deinde et medullis eius nasci primo ceu vermiculum, inde fieri pullum, principioque iusta funera priori reddere et totum deferre nidum prope Panchaiam in Solis urbem et in ara ibi deponere. Cum huius alitis vita magni conversionem anni fieri prodit idem Manilius iterumque significationes tempestatum et siderum easdem reverti, hoc autem circa meridiem incipere quo die signum arietis sol intraverit, et fuisse eius conversionis annum prodente se P. Licinio Cn. Cornelio cos. CCXV. Cornelius Valerianus phoenicem devolavisse in Aegyptum tradit Q. Plautio Sex. Papinio cos. Allatus est et in urbem Claudii principis censura anno urbis DCCC et in comitio propositus, quod actis testatum est, sed quem falsum esse nemo dubitaret.³⁸ (Plin., C., *Nat. Hist.*, X, 3-5)

A descrição física do animal é de um ser maravilhoso: é um pássaro do tamanho de uma águia, de plumagem esplêndida e multicolorida, onde brilham o dourado, o púrpura, o azul e o róseo. Proveniente da Árabia, o animal seria sagrado para o Sol e ninguém jamais o teria visto se alimentar, o que reforça a ideia de um ser distinto, não maculado pela necessidade de consumir alimento, como os outros seres vivos. O ciclo de vida da Fênix seria de 540 anos e sua morte coincidiria com o fim do Grande Ano, período que os planetas levariam para completar seus ciclos e voltarem todos às suas posições iniciais que ocupavam quando no início do mundo (STUCKRAD, 2007), segundo o senador Manílio, que teria sido o primeiro a tratar longamente e eruditamente do pássaro. O ciclo do Grande Ano recomençaria precisamente ao meio-dia, num dia em que o Sol estaria entrando no signo de Áries, o que parece novamente indicar a ligação do pássaro com o Sol, visto que o carneiro é o signo de exaltação do luminar segundo a astrologia antiga³⁹. Depois de cumprir seu período de vida, a Fênix construiria um ninho com incenso e canela, encheria-o de outras espécies olerosas e morreria sobre ele. Dos ossos e medulas do velho pássaro, sairia um vermiculo que se tornaria um filhote de Fênix, que ao chegar na idade adulta, cumpriria com seus deveres levando o túmulo do pai para à Cidade do Sol, perto de Pancaia, para depositá-lo em um altar.

³⁸ Os etíopes e os indianos narram sobre aves multicoloridas e inenarráveis e, antes de todas, a Fênix árabe, (não sei se fabulosa) única em todo mundo e vista só muito raramente. Diz-se que seu tamanho é o de uma águia, que o derredor de seu pescoço tem um fulgor áureo e o resto do corpo em púrpura; com penas rosas se distinguindo em sua cauda azul, e que enobrecem seu pescoço cristas e um topete de plumas a sua cabeça. Manílio, distinto por seus grandes conhecimentos adquiridos sem mestre, o primeiro dos senadores que tratou acuradamente do pássaro, informa: ninguém há que o viu se alimentando, na Arábia é sagrada para o sol, vive 560 anos, ao envelhecer constrói um ninho com incenso e ramos de canela, o enche de materiais aromáticos e nele morre. De seus ossos e medula nasce primeiro um animal à semelhança de um vermezinho, que se torna uma ave jovem e logo presta aos justas honras ao predecessor e carrega o ninho até a cidade do Sol, próxima a Pancaia, e lá o depõe em um altar. Informa ainda Manílio que com a vida desse pássaro se cumpre a conversão do grande Ano, e novamente os sinais das estações e as estrelas voltam ao ponto inicial; este ciclo recomeça ao meio-dia do dia que o sol entrou no signo de Áries, e o ano da revolução em que ele escrevia, sendo cônsules Públio Licínio e Gneu Cornélio, era o de ducentésimo décimo quinto do ciclo. Cornélio Valeriano conta que a Fênix voou para o Egito durante o Consulado de Quinto Plautio e Sexto Papínio. Também foi trazida para Roma durante a censura do imperador Cláudio, no ano 800 da fundação da cidade, e foi exposta num comício, o que está atestado nas Actas, mas que ninguém duvida que era uma falsa Fênix. (Tradução própria)

³⁹ “*Sol in Arietis XIX parte exaltatur*” (FIRMICUS, *Math. Libri.*, II,3, 5); O sol exalta-se em Áries, no grau dezenove (Tradução própria)

Plínio também se refere à aparição da Fênix no Egito, durante o consulado de Q. Plautio e Sexto Papínio⁴⁰, e à exposição da ave em Roma durante a censura do imperador Cláudio, no ano 800 *ab urbe condita*⁴¹, mas a falsidade deste segundo evento seria manifesta a todos.

Em outras passagens de *Naturalis Historia*, a Fênix também é mencionada devido a suas virtudes singulares. No livro XI, a ave é citada como exemplo de animal com crista na cabeça: "*In capite paucis animalium nec nisi volucris apices, diversi quidem generis, phoenici plumarum serie e medio eo exeunte alia (...)*"⁴² (Plin. Nat. Hist. XI, 121). O seu ninho, que seria encontrado em terras arábicas, é uma das fontes de cinamomo e de canela: "*Cinnamomum et casias fabulose narravit antiquitas princepsque Herodotus avium nidis et privatim phoenicis, in quo situ Liber pater educatus esset (...)*"⁴³ (Plin. Nat. Hist. XII, 85). O ninho e as cinzas da ave aparecem também como base para remédios poderosíssimos, mas inviáveis, pois não são úteis para a medicina visto que só apareceriam a cada mil anos:

Nec deerat materia pompae, si quicquam aliud intueri liberet quam fidem operis, quippe inter prima proditis etiam ex cinere phoenicis nidoque medicinis, ceu vero id certum esset atque non fabulosum. Inridere est vitam remedia post millensimum annum reditura monstrare. (Plin., Nat. Hist., XXIX, 29)⁴⁴

Também existiria uma palmeira que teria dado o nome à ave e que morreria e nasceria com ela, explorando a ambiguidade do termo *φοῖνιξ*: "*Una earum arbor in Chora esse traditur, una et syagrorum, mirumque de ea accepimus, cum phoenice ave, quae putatur ex huius palmae argumento nomen accepisse, intermori ac renasci ex se ipsa, eratque, cum proderem, fertilis.*"⁴⁵ (Plin., C. Nat. Hist., XIII, 42). Finalmente, Plínio ainda dá mostras de conhecer o trecho de Hesíodo que fala da duração da vida da ave:

De spatio atque longinquitate vitae hominum non locorum modo situs, verum et tempora ac sua cuique sors nascendi incertum fecere. Hesiodus, qui primus aliqua de hoc prodidit, fabulose, ut reor, multa hominum aevo praeferens, cornici novem

⁴⁰ Em 36 d.C (COOLEY, 2012)

⁴¹ Isto é, em 47 d. C.

⁴² Poucos animais têm ápices na cabeça, e somente as aves, e estes são de diversos tipos: a Fênix tem um conjunto de penas enfileiradas na cabeça, do meio do qual sai outra fila de penas. (Tradução própria)

⁴³ A Antiguidade, e Heródoto, seu principal representante, conta que Cinamomo e Canela podem ser encontradas em ninhos de aves, especialmente no da Fênix, na região em que o pai Liber foi criado (...) (Tradução própria)

⁴⁴ E não faltaria matéria para um tratado soberbo, se nos agradasse visar outra coisa que a fidelidade da obra, pois entre os remédios mais importantes estão aqueles feitos a base do ninho e das cinzas da Fênix, como se fosse algo real e não fabuloso. É zombar da vida apresentar remédios que só voltam a aparecer depois de mil anos. (Tradução própria)

⁴⁵ É dito que há uma única dessas árvores em Cora, e também apenas uma de Siágros, e acerca dela ouvimos coisas incríveis: junto com a Fênix, cujo nome consideram que veio dessa palmeira, morre e renasce de si mesma, e, quando estava a escrever isto, a árvore ainda dava frutos. (Tradução própria)

nostras attribuit aetates, quadruplum eius cervis, id triplicatum corvis, et reliqua fabulosius in phoenice ac Nymphis”⁴⁶ (Plin. *Nat. Hist.* VII, 153)

No romance “Leucipe e Clitofonte”, de Aquiles Tácio, escrito no século II d.C. (BRITANNICA, 2014), há uma cena em que um exército para em reverência à Fênix, que está fazendo seu voo de volta ao Egito. Esse evento espantoso provoca nas personagens curiosidade acerca de uma ave digna de tamanho respeito, o que dá ocasião a uma descrição do ser mítico:

ἐπὶ τοὺς βαρβάρους. Καὶ ἅμα λέγοντος αὐτοῦ παῖς εἰστρέχει τις λέγων ἀπὸ τοῦ Δέλτα πρόδρομον ἦκειν τοῦκειθεν στρατοπέδου καὶ πέντε λέγειν ἄλλων ἡμερῶν διατρίβειν τοὺς δισχιλίους: τοὺς γὰρ βαρβάρους κατατρέχοντας πεπαῦσθαι: μελλούσης δὲ ἦκειν τῆς δυνάμεως τὸν ὄρνιν αὐτοῖς ἐπιδημῆσαι τὸν ἱερὸν φέροντα τοῦ πατρὸς τὴν ταφήν: ἀνάγκην δὲ εἶναι τὴν ἔξοδον ἐπισχεῖν τοσούτων ἡμερῶν.

‘Καὶ τίς ὁ ὄρνις οὗτος, ὅστις’ ἔφην ‘τοσαύτης τιμῆς ἡξίωται; ποίαν δὲ καὶ κομίζει ταφήν;’ Φοῖνιξ μὲν ὁ ὄρνις ὄνομα, τὸ δὲ γένος Αἰθίοψ, μέγεθος κατὰ ταῶν: τῇ χροῇ ταῶς ἐν κάλλει δεύτερος. Κεκέρασται μὲν τὰ πτερὰ χρυσῷ καὶ πορφύρᾳ, αὐχεῖ δὲ τὸν Ἥλιον δεσπότην: καὶ ἡ κεφαλὴ μαρτυρεῖ, ἐστεφάνωσε γὰρ αὐτὴν κύκλος εὐφραγῆς: ἡλίου δὲ ἐστὶν ὁ τοῦ κύκλου στέφανος εἰκὼν. Κυάνεός ἐστιν, ῥόδοις ἐμφορῆς, εὐειδὴς τὴν θέαν, ἀκτῖσι κομᾶ, καὶ εἰσὶν αὐτὰι πτερῶν ἀνατολαί: μερίζονται δὲ αὐτοῦ Αἰθίοπες μὲν τὴν ζωὴν, Αἰγύπτιοι δὲ τὴν τελευτήν. Ἐπειδὴν γὰρ ἀποθάνῃ ‘σὺν χρόνῳ δὲ τοῦτο πάσχει μακρῷ’, ὁ παῖς αὐτὸν ἐπὶ τὸν Νεῖλον φέρει, σχεδιάσας αὐτῷ καὶ τὴν ταφήν. Σμύρνης γὰρ βῶλον τῆς εὐωδεστάτης, ὅσον ἱκανὸν πρὸς ὄρνιθος ταφήν, ὀρύττει τε τῷ στόματι καὶ κοιλαίνει κατὰ μέσον, καὶ τὸ ὄρυγμα θήκη γίνεται τῷ νεκρῷ. Ἐνθεὶς δὲ καὶ ἐναρμόσας τὸν ὄρνιν τῇ σορῷ καὶ κλείσας τὸ χάσμα γηίνῳ χώματι ἐπὶ τὸν Νεῖλον οὕτως ἵπταται τὸ ἔργον φέρων. Ἐπεταὶ δὲ αὐτῷ χορὸς ἄλλων ὀρνίθων ὥσπερ δορυφόρων καὶ ἔοικεν ὁ ὄρνις ἀποδημοῦντι βασιλεῖ καὶ τὴν πόλιν οὐ πλανᾶται τὴν Ἥλιου. Ὀρνιθος αὕτη μετοικία νεκροῦ. Ἔστηκεν οὖν ἐπὶ μετεώρου σκοπῶν καὶ ἐκδέχεται τοὺς προπόλους τοῦ θεοῦ. Ἔρχεται δὲ τις ἱερεὺς Αἰγύπτιος, βιβλίον ἐξ ἀδύτων φέρων, καὶ δοκιμάζει τὸν ὄρνιν ἐκ τῆς γραφῆς. Ὁ δὲ οἶδεν ἀπιστούμενος καὶ τὰ ἀπόρρητα φαίνει τοῦ σώματος καὶ τὸν νεκρὸν ἐπιδείκνυται καὶ ἔστιν ἐπιτάφιος σοφιστής. Ἱερέων δὲ παῖδες Ἥλιου τὸν ὄρνιν τὸν νεκρὸν παραλαβόντες θάπτουσι. Ζῶν μὲν οὖν Αἰθίοψ ἐστὶ τῇ τροφῇ.

⁴⁶ Sobre o espaço e a duração da vida dos homens, não só o lugar, mas também o período e a sorte de cada um ao nascer o tornam incerto. Hesíodo, que foi o primeiro a tratar desse assunto, seguindo fábulas, penso eu, relacionando a idade dos homens a muitas coisas: atribuiu à cornija nove idades nossas, o quádruplo disso ao cervo e o triplo do disso ao corvo e atribuiu outras coisas, de maneira ainda mais fabulosa, à Fênix e às Ninfas. (Tradução própria)

ἀποθανὼν δὲ Αἰγύπτιος γίνεται τῇ ταφῇ.⁴⁷ (ACHILL. Leucippe et Clitophon, III, 24-25)

Na descrição feita por Aquiles Tácio não são mencionados nem a duração exata da vida da Fênix nem a forma de sua morte e renascimento, dando a entender que ambas as informações eram de conhecimento comum.

A ave é caracterizada como um animal pertencente a dois países: à Etiópia por seu nascimento e ao Egito por sua sepultura. Tácio descreve a aparência física do pássaro como semelhante em beleza e tamanho a um pavão, porém muito mais glorioso, pois em suas asas se encontra uma mistura de dourado e púrpura e em sua cabeça, uma auréola de penas que remete ao halo do Sol, de quem a ave é discípula. Após sua morte, sua cria leva seus despojos envoltos em mirra e barro ao Nilo, onde improvisa uma tumba. Dali segue para Heliópolis, acompanhada de uma corte de aves que desempenham a função de guardiãs⁴⁸. Na Cidade do Sol, o animal apresenta-se diante de um sacerdote, mostrando os sinais corpóreos e o seu magnífico canto que o identificam como o verdadeiro exemplar e permitindo que o sábio verifique-os em um livro sagrado que traz do Templo. Comprovada sua autenticidade, os filhos do sacerdote recebem o corpo da antiga Fênix e o enterram.

Cláudio Eliano, em sua obra *Historia Animalium*, escrita no século II d. C. (BRITANNICA, 2020b), apresenta a Fênix como um animal inteligente, capaz de contar sem recorrer à aritmética os quinhentos anos necessários para realizar uma atividade cuja necessidade e finalidade o autor considera de conhecimento público:

⁴⁷ No momento em que assim falava, veio correndo um servo com a notícia de que havia chegado um mensageiro do exército de Delta, avisando que os dois mil homens tardariam outros cinco dias. O caso era que mal tendo acabado com as agitações dos bárbaros e quando as forças se punham em marcha, uma ave sagrada havia se posto em seu caminho, carregando a tumba de seu pai. Por isso era forçoso atrasar a partida esse número de dias.

— Que ave é essa, que merece tamanha honra, Perguntei, e que tumba ela transporta?

— Fênix é o nome da ave. É originária da Etiópia e em tamanho é semelhante a um pavão real, mas em beleza de cores é o pavão que sai perdedor. Suas asas combinam ouro e púrpura e se gaba de ter por senhor o Sol, e sua cabeça dá crédito disso, pois é coroada com uma esplêndida auréola circular e o halo circular é símbolo do Sol. esta auréola é de uma cor carmesim comparável a das asas, com um penacho de raios formado pelo nascer de suas penas. Aos etíopes corresponde o tempo de sua vida, aos egípcios a sua morte, pois quando morre (o que ocorre de muito em muito tempo) sua cria a leva até o Nilo, improvisando uma tumba. Escava com seu bico uma bola da mais aromática mirra e a esvazia em sua parte central o suficiente para fazer uma tumba, já que esta cavidade serve de receptáculo para o cadáver. Coloca e acomoda a ave neste caixão, fecha a entrada com uma pasta de barro e voa carregando com sua obra até o Nilo. um séquito de outros pássaros, como se fossem seus guardiões, a segue, como se a ave fosse um rei a sair em viagem, e não erra seu caminho até Heliópolis, onde ficará o pássaro morto. Coloca-se então em um lugar elevado, a partir de onde observa e acolhe os ministros do Deus. Um sacerdote egípcio chega, trazendo um livro do interior do santuário e comprova, comparando com uma gravura, se que se trata da ave verdadeira. Ela sabe que é objeto de tal prova e põe a vista as partes ocultas de seu corpo, mostra o cadáver e sua grande habilidade de orador fúnebre. Os filhos dos sacerdotes de Hélios recebem ave morta e a enterram. Enfim, é dito que em vida é etíope porque lá se nutre, e ao morrer é egípcia, porque ali se enterra. (Tradução própria)

⁴⁸ É curioso observar as semelhanças entre o séquito de aves relatado por Aquiles Tácio e o descrito na tradição chinesa da *fēnghuáng*.

ἄνευ δὲ λογιστικῆς οἱ φοῖνικες συμβαλεῖν ἐτῶν πεντακοσίων ἴσασιν ἀριθμόν, μαθηταὶ φύσεως τῆς σοφωτάτης ὄντες, καὶ διὰ ταῦτά τοι μὴδὲ δακτύλων δεδεημένοι ἢ ἄλλου τινὸς ἐς ἐπιστήμην ἀριθμητικῆς. ὑπὲρ ὅτου δὲ ἴσασι τοῦτο καὶ εἰδέναι ἀνάγκη αὐτοῦς, δημώδης ἐστὶν ὁ λόγος. τὸν δὲ τῶν πεντακοσίων ἐτῶν χρόνον πληροῦμενον ἴσασιν Αἰγυπτίων ἢ τις ἢ οὐδεὶς, ὀλίγοι δὲ κομιδῇ καὶ οὗτοι τῶν ἱερέων. οὗτοι γοῦν πρὸς ἀλλήλους ὑπὲρ τούτων οὐ ῥαδίως συμβῆναι ἔχουσιν, ἀλλὰ οἱ μὲν ἐρεσχελοῦσι σφᾶς αὐτοὺς ἐρίζοντες ὥς οὐ νῦν ἀλλ' ἐς ὕστερον ὅδε ὁ θεῖος ὄρνις ἀφίξεται ἢ ὥς ἐχρῆν ἦκειν: ὁ δὲ ἄλλως ἐκείνων ἐρίζοντων ἀποσημαίνεται δαιμονίως τὸν καιρὸν καὶ πάρεστιν. οἱ δέ, θύειν ἀνάγκη αὐτοὺς καὶ ὁμολογεῖν ὅτι τὸν μὲν ἥλιον ἐν ταῖς λέσχαις καταδύειν ἄγουσι σχολήν, οὐκ ἴσασι δὲ ὅσα ὄρνιθες. ἐκεῖνα δέ, ὧ πρὸς τῶν θεῶν, οὐ σοφά, εἰδέναι ποῦ μὲν Αἰγυπτὸς ἐστὶ, ποῦ δὲ καὶ Ἥλιου πόλις, ἔνθα αὐτῷ πέπρωται ἦκειν, καὶ ὅπου ποτὲ τὸν πατέρα καταθέσθαι χρή καὶ ἐν θήκαις τίσι⁴⁹ (AELIAN. *De Natura Animalium*, VI, 58)

Eliano também informa que a data final do ciclo de vida da Fênix é conhecida de pouquíssimos e nem mesmo entre os sacerdotes há um consenso acerca do tema, fato aproveitado pelo autor para tecer críticas à classe sacerdotal egípcia, que não saberia o que sabem os pássaros e passaria o tempo engajada em disputas particulares.

O historiador latino Tácito, em seus *Annales*, obra escrita provavelmente entre os anos 110 d.C. e 121 d.C. (MORALEJO, 1979), aproveitou-se da suposta aparição da Fênix no Egito durante o Consulado de Paulo Fábio e Lúcio Vitélio⁵⁰ para trazer uma notícia sobre o animal:

Paulo Fabio L. Vitellio consulibus post longum saeculorum ambitum avis phoenix in Aegyptum venit praebuitque materiem doctissimis indigenarum et Graecorum multa super eo miraculo disserendi. de quibus congruunt et plura ambigua, sed cognitu non absurda promere libet. sacrum Soli id animal et ore ac distinctu pinnarum a ceteris avibus diversum consentiunt qui formam eius effinxere: de numero annorum varia traduntur. maxime vulgatum quingentorum spatium: sunt qui adseverent mille quadringentos sexaginta unum interici, prioresque alites Sesoside primum, post Amaside dominantibus, dein Ptolemaeo, qui ex Macedonibus tertius regnavit, in civitatem cui Heliopolis nomen advolavisse, multo ceterarum volucrum comitatu novam faciem mirantium. sed antiquitas quidem obscura: inter Ptolemaeum ac Tiberium minus ducenti quinquaginta anni fuerunt. unde non nulli falsum hunc phoenicem neque Arabum e terris credidere, nihilque usurpavisse ex his quae vetus memoria firmavit. confecto quippe annorum numero, ubi mors propinquet, suis in terris struere nidum eique vim genitalem adfundere ex qua fœtum oriri; et primam adulto curam sepeliendi patris, neque id temere sed sublato murrae pondere

⁴⁹ A ave Fênix, sem nenhum método de cálculo, como discípula da sapientíssima natureza, sabe contar quinhentos anos e não tem necessidade de utilizar-se de dedos ou de alguma outra coisa para este cálculo. O motivo que a faz guardar esta data é conhecido por todos. Mas mesmo entre os egípcios, não há quem saiba como se cumpre o período de quinhentos anos; ou, se há, trata-se de uma ou no máximo de algumas poucas pessoas pertencentes à classe sacerdotal, mas nem mesmo entre os componentes dessa classe chega-se facilmente a um consenso, pois discutindo entre si, um diz que a ave sacra não virá agora, mas no futuro, já outro diz que o pássaro já veio; mas a Fênix, em desacordo com os sacerdotes, por inspiração divina indica os tempos e se faz presente. Então os sacerdotes se veem obrigados a fazer concessões e a admitir que, apesar de consumirem os dias todos em discussões, são menos conhecedores do que um pássaro; pois, por Hércules, não constitui uma ciência saber onde está localizado o Egito? Onde está Heliópolis, para onde está estabelecido que a ave deve voar? Onde deve ser sepultado o seu pai e em que tipo de caixa? (Tradução própria)

⁵⁰ No ano 34 d.C. (DEGRASSI, 1952). É interessante notar que Plínio e Tácito divergem acerca da data em que a Fênix teria aparecido no Egito: Plínio afirma que a fênix aconteceu durante o consulado de Quinto Plautio e Sexto Papínio, no ano de 36 d.C, enquanto Tácito diz que isso aconteceu no consulado de Paulo Fábio e Lúcio Vitélio, em 34 d. C. Dião Cássio (CASSIO, 2016) confirma a informação dada por Plínio.

temptatoque per longum iter, ubi par oneri, par meatui sit, subire patrium corpus inque Solis aram perferre atque adolere. haec incerta et fabulosis aucta: ceterum aspici aliquando in Aegypto eam volucrem non ambigitur⁵¹ (*Tacit., Annales*, VI, 28)

Tácito não se propõe a apresentar uma descrição coerente da Fênix, antes enumera diversas opiniões correntes à época acerca do mito. Durante o primeiro século, o animal parece ter atingido um alto grau de interesse dentro do Império Romano, pois a sua suposta aparição forneceu matéria para amplas discussões entre sábios egípcios e estrangeiros. Porque as informações disponíveis eram incertas e, por vezes, divergentes, o autor opta por citar inicialmente os conhecimentos considerados essenciais para a caracterização da Fênix, como sua associação com o Deus Sol e sua plumagem e bico únicos, que a distinguem das outras aves.

Quanto à duração de sua vida, Tácito apresenta duas opiniões: a majoritária limitava a vida do animal a 500 anos, porém alguns afirmavam que esta chegaria a 1461 anos. Em relação às suas aparições, é dito que a Fênix teria se mostrado durante o reinado de Sesóstris, depois no de Amásis e finalmente, durante o reinado de Ptolomeu III⁵², o que denotaria uma inconsistência na primeira informação, visto que entre o reinado de Ptolomeu e a suposta aparição em 34 d.C. teriam se passado menos de 250 anos.

O autor apresenta ainda um relato da morte da Fênix em que a ave, cumprido seu tempo de vida, constrói um ninho e nele deposita sua força geradora, dando origem a um novo exemplar que cresce e após se fortalecer, se direciona ao Templo do Sol em Heliópolis carregando o corpo de seu pai após testar suas forças com um pedaço de mirra. É importante notar que nesta versão ocorre apenas uma alusão a essa substância, embora este seja um

⁵¹ Sendo os cônsules Paulo Fábio e Lúcio Vitélio, após um longo ciclo de séculos, a ave Fênix veio do Egito e deu muita matéria para os homens doutos nativos [daquela terra] e também para os da Grécia discutirem sobre o acontecimento maravilhoso. Acerca do qual há muitos pontos sobre os quais há consenso e muitos outros ambíguos, mas agrada referir coisas não absurdas à razão. De que o animal é sagrado para o sol e diferente das outras aves pela sua cabeça e pela cor de suas penas, estão de acordo os que retrataram sua forma. Várias informações são referidas sobre o número de seus anos: a mais divulgada é a de que vive quinhentos anos, mas há os que fixam um intervalo de mil quatrocentos e sessenta e um anos; é dito que os exemplares anteriores da ave foram vistos primeiro no reinado de Sesóstris, em seguida no de Amásis, depois no de Ptolomeu, terceiro rei descendente de macedônios, voando para a cidade chamada Heliópolis, acompanhada de grande séquito de aves, que lhe admiravam a nova aparência. Mas a Antiguidade é obscura: entre Ptolomeu e Tibério passaram-se menos de duzentos e cinquenta anos, pelo que muitos começaram a pensar que aquela Fênix era falsa e que não vinha das terras arábicas e que nada fizera do que a antiga memória afirmava. Mas, completado seu ciclo de vida, e quando a morte se lhe aproxima, constrói um ninho em suas terras e infunde nele sua força geradora da qual nasce seu descendente; a primeira preocupação do animal adulto é de sepultar seu pai, e não faz isso temerariamente, mas depois de levantar no ar um pedaço de mirra e experimentar levá-lo por um longo caminho, quando já está capaz de aguentar o peso e o trajeto, toma o corpo do pai e o leva ao Templo do Sol, onde o queima. Estas coisas são incertas e aumentadas por fábulas, mas de resto, não se duvida que a ave é vista por vezes no Egito. (Tradução própria)

⁵² O faraó Amásis reinou de 1318 - 1298 a. C.; Sesóstris, de 568 - 525 a. C.; e Ptolomeu III, de 247 - 221 a. C. (CLAYTON, 2006)

elemento muito frequente em outras versões do mito. A piedade do animal nesta passagem é ainda maior que a descrita nas representações anteriormente estudadas, visto que seu cuidado com o corpo paterno é tamanho que só ousa se dirigir a Heliópolis após ter certeza de que consegue carregá-lo. A nova ave também não deriva diretamente do corpo da antiga, mas é fruto da potência reprodutiva depositada por ela em seu leito de morte.

Tácito também menciona um séquito que acompanha a Fênix até o seu destino, em consonância com a descrição de Aquiles Tácio. No trecho citado, convém observar que apesar de toda confusão de informações acerca do animal, o autor afirma, enquanto historiador, a existência da ave, indicando que ela pode ser vista de quando em vez no Egito.

Filóstrato, em sua *Vida de Apolônio de Tiana*, escrito pouco depois de 217 d.C. (PAJARES, 1992) registra uma conversa em que o filósofo e taumaturgo de Tiana teria tido com Iarcas⁵³ acerca de animais fantásticos. Em certo momento, o diálogo versa sobre a Fênix:

καὶ τὸν φοίνικα δὲ τὸν ὄρνιν τὸν διὰ πεντακοσίων ἐτῶν ἐς Αἴγυπτον ἤκοντα πέτεσθαι μὲν ἐν τῇ Ἰνδικῇ τὸν χρόνον τοῦτον, εἶναι δὲ ἓνα ἐκδιδόμενον τῶν ἀκτίνων καὶ χρυσῷ λάμποντα, μέγεθος ἀετοῦ καὶ εἶδος, ἐς καλιάν τε ἰζάνειν τὴν ἐκ τοῦ ἀρώματος ποιουμένην αὐτῷ πρὸς ταῖς τοῦ Νείλου πηγαῖς. ἃ δὲ Αἰγύπτιοι περὶ αὐτοῦ ᾄδουσιν, ὥς ἐς Αἴγυπτον φέρεται, καὶ Ἰνδοὶ ξυμμαρτυροῦσι προσάδοντες τῷ λόγῳ τὸ τὸν φοίνικα τὸν ἐν τῇ καλιᾷ τηκόμενον προπεμπτηρίους ὕμνους αὐτῷ ᾄδειν.⁵⁴ (*Philostr., Vita Apoll. III, 49.*)

Neste trecho, a Fênix aparece como uma ave única de sua espécie, de tamanho e forma similares aos de uma águia e que visita o Egito a cada 500 anos. É dito que o animal havia emanado diretamente dos raios solares e, por isso, se apresenta com áureo brilho. Em sua morte, pousa em um ninho feito de especiarias e localizado próximo à fonte do Nilo onde, de acordo com os indianos, pois que a ave também frequenta a Índia, canta hinos fúnebres⁵⁵ para si mesma de modo semelhante aos cisnes.

Nos *Epigrammata*, escrito entre os anos 85 e 95 d.C. (NORCIO, 2013), de Marco Valério Marcial, é possível encontrar vários trechos em que a Fênix se faz presente. Apesar de não se debruçar sobre o mito, Marcial utiliza a ave como elemento de comparação em alguns de seus textos, o que indica a presença da Fênix no imaginário popular entre romanos da época: ela seria a encarnação em grau máximo de certas virtudes. Um exemplo desse procedimento pode ser encontrado no epigrama em que se lamenta a perda de uma jovem

⁵³ Iarcas é uma personagem da Vida de Apolônio de Tiana: filósofo oriental, possivelmente uma invenção ficcional, considerado um dos homens mais sábios da época, participa de conversas com Apolônio na obra de Filóstrato.

⁵⁴ – E a Fênix, prosseguiu, a ave que a cada quinhentos anos visita o Egito, voa na Índia durante este tempo: Há somente uma, emanada dos raios do Sol, brilhante como ouro, com figura e porte semelhantes aos de uma águia, e assenta-se em um ninho feito de especiarias, junto às fontes do Nilo. Aquilo que os egípcios narram a respeito da ave, isto é, que vai ao Egito, é confirmado pelos indianos; estes últimos complementam a tradição informando que a Fênix, enquanto é consumida no seu ninho, canta hinos fúnebres para si mesma. (Tradução própria)

⁵⁵ Filóstrato está de acordo com Aquiles Tácio acerca da beleza do canto da Fênix.

escrava: “*Cui comparatus indecent erat pavo,/ inamabillis sciurus et frequens phoenix*”⁵⁶ (*Martial. M. Valer. Epigr. V, 37*) . Neste verso, a Fênix aparece como símbolo de singularidade que, ao ser posposto à jovem falecida, ressalta o caráter singularíssimo da perda.

Em outras passagens, o ninho da Fênix aparece como fonte de matérias de grande valor:

Si donare vocas promittere nec dare, Gai,
Vincam te donis muneribusque meis.
Accipe Callaëcis quidquid fodit Astur in arvis,
Aurea quidquid habet divitis unda Tagi,
Quidquid Erythraea niger invenit Indus in alga,
Quidquid et in nidis unica servat avis,
Quidquid Agenoreo Tyros improba cogit aheno:
Quidquid habent omnes, accipe, quomodo das. (*Martial., M. Valer. Epigr. X, 17, 1-6*)⁵⁷

E refere-se ao que há no ninho do pássaro como sinônimo de substância aromática:

Nomen cum violis rosisque natum,
quo pars optima nominatur anni,
Hyblam quod sapit Atticosque flores,
quod nidos olet alitis superbae;⁵⁸ (*Martial., M. Valer. Epigr. IX, 11, 1-4*)

Por fim, o processo de renovação pelo qual a ave passa a cada mil anos, segundo Marcial, é evocado para engrandecer a renovação de Roma sob o reinado de Domiciano. A similaridade entre o renascimento da ave e o da cidade era sugerida pela recente reconstrução do templo de *Iuppiter Optimus Maximus*, destruído anteriormente por um incêndio (STRATI, 2007):

Qualiter Assyrios renovant incendia nidos,
una decem quotiens saecula vixit avis,
taliter exuta est veterem nova Roma senectam
et sumpsit vultus praesidis ipsa sui⁵⁹. (*Martial., M. Valer. Epigr. V, 7*)

Estácio, poeta latino do século I d.C., também utiliza a Fênix como uma imagem, um elemento retórico que eventualmente aparece em seus textos, sem nunca se debruçar sobre o mito. No segundo poema do terceiro livro das *Silvae*, escritas entre 92 e 95 d.C. (ARICÒ: TRAGLIA, 1980.), o processo de ressurreição da Fênix é retratado como um dos segredos do

⁵⁶ Com a qual comparada, o pavão era indecente,/ inamável a doninha e a fênix, comum. (Tradução própria)

⁵⁷ Ó Caio, se chamas dar ao prometer e não dar,/ Te vencerei com meus dons e regalos./ Recebe tudo o que o asturiano extrai nos campos da Galiza,/ tudo o que a onda áurea aurífera do rico Tejo possui,/ tudo o que o escuro indiano encontra nas algas da Eritreia/ e tudo o que a ave única acumula em seu ninho (Tradução própria).

⁵⁸ Um nome nascido entre rosas e violetas,/ Pelo qual é chamada a melhor parte do ano,/ Com gosto do mel de Híbla e das flores áticas,/ Que cheira aos ninhos da ave soberba; (Tradução própria)

⁵⁹ Assim como os incêndios renovam os ninhos assírios,/ Cada vez que a ave viveu dez séculos,/ Assim uma nova Roma substituiu a antiga/ E tomou, ela mesma, a figura de seu governante. (Tradução própria)

Egito, que Marco Mécio Celer, dirigindo-se para aquele país, deveria conhecer, se assim aprouvesse aos deuses:

cur servet Pharias Lethaeus ianitor aras,
vilia cur magnos aequent animalia divos;
quae sibi praesternat vivax altaria Phoenix,
quos dignetur agros aut quo se gurgite Nili
mergat adoratus trepidis pastoribus Apis.⁶⁰ (*Stat., Silvae*, III, 2, 112-116).

Importante notar que, nesta passagem, a ave aparece acompanhada do mesmo epíteto utilizado por Ovídio, “*vivax*”. Mas esta não é a única similitude entre as representações da ave nos dois autores: no quarto poema do segundo livro das *Silvae*, há um lamento pela morte do papagaio de Atédio Melior, composição muito semelhante ao poema ovidiano dos *Amores*. Estácio, depois de louvar a ave e lastimar a grande perda, busca consolação nos funerais magníficos do animal, que não serão inferiores em pompa nem mesmo à autocremação da Fênix:

(...) at non inglorius umbris
mittitur: Assyrio cineres adolentur amomo
et tenues Arabum respirant gramine plumae
Sicaniisque crocis; senio nec fessus inert
scandet odoratos phoenix felicius ignes.⁶¹ (*Stat., Silvae*, II, 4, 33-37)

Lucano, em seu *De Bello Civili*, escrito por volta do ano 65 d.C., apresenta uma maga que, interrogada sobre o vencedor da guerra civil entre Pompeu e César, chama um cadáver de volta à vida, por meio de substâncias de virtudes mágicas, para questioná-lo. Uma das substâncias necessárias para este feito trata-se das cinzas da Fênix:

huc quidquid fetu genuit natura sinistro
miscetur: non spuma canum quibus unda timori est,
viscera non lyncis, non durae nodus hyaenae
defuit et cerui pastae serpente medullae,
non puppem retinens Euro tendente rudentis
in mediis echenais aquis oculique draconum
quaeque sonant feta tepefacta sub alite saxa,
non Arabum uolucer serpens innataque rubris
aequoribus custos pretiosae uipera conchae
aut uiuentis adhuc Libyci membrana cerastae
aut cinis Eoa positi phoenicis in ara.⁶² (*Lucan. De bello civ.* VI, 670-680)

⁶⁰ Porque o guarda do Letes protege o altar de Faros./ Por animais sem valor são igualados aos deuses/ Quais altares prepara para si mesma a vivaz Fênix./ Quais os campos dignos de Ápis, ou em que partes/ Do rio Nilo se banhe, adorado por trêmulos pastores. (Tradução própria)

⁶¹ (...) Mas não será mandado sem honras às sombras./ Suas cinzas cheiram à amomo assírio/ E suas tenras plumas respiram incenso árabe/ E açafraão sículo; nem, cansada pela velhice inerte,/ Lança-se mais feliz a Fênix em chamas aromáticas. (Tradução própria)

⁶² A isto se mistura tudo que a natureza/ em parto sinistro produziu: a espuma dos cães que temem a água./ As vísceras de lince, o nó da dura hiena/ Não faltaram, nem a medula de cervos alimentados com serpes./ Nem a Rémore que detém em meio às águas./ a popa de um navio, ainda que o Euro estique sua vela./ Nem olhos de dragão, nem as rochas que murmura/ amornadas sobre uma ave choca/ Nem a serpente voadora das terras árabes, nem a víbora/ nascida no mar vermelho, guardiã da preciosa concha/ Nem a pele arrancada da víbora de chifres líbica ainda viva/ Ou as cinzas da Fênix colocada em altar oriental. (Tradução própria)

Outras breves menções ao pássaro ainda podem ser encontradas na literatura latina. Luciano de Samósata cita o animal como sumo exemplo de longevidade⁶³, como uma das maravilhas fantásticas da Índia que ninguém nunca chegou a ver⁶⁴ e a menciona ao contar a história de um charlatão místico que buscava granjear fama, alardeando que se lançaria ao fogo para ensinar aos homens a desprezar a morte: “Também tenho ouvido dizer que já não gosta de que lhe chamem Proteu, mas mudou o seu nome para Fênix, pelo facto de se dizer que a fênix, ave indiana, se lança no fogo quando atinge uma velhice muito avançada.” (SAMÓSATA, 2013, v. 5, p. 141)

Por fim, Sêneca, em suas *Ad Lucilium epistulae morales* compara os homens verdadeiramente bons com a Fênix: ambos nascem a cada quinhentos anos: “*Iam tibi iste persuasit virum se bonum esse? Atqui vir bonus tam cito nec fieri potest nec intellegi. Scis quem nunc virum bonum dicam? hunc secundae notae; nam ille alter fortasse tamquam phoenix semel anno quingentesimo nascitur*” (Sen. Ad. Luc. Epist. Moral., V, 42).⁶⁵

2.4 Elementos recorrentes na cultura ocidental

Após o estudo dos principais textos relativos à Fênix no período clássico, é possível chegar a algumas conclusões acerca dos elementos mais recorrentes do mito ocidental. Quanto ao tempo de vida da ave, concordam em 500 anos Heródoto, Ovídio, Tácito, Sêneca, Pompônio Mela e Cláudio Eliano. Quanto à sua forma física, seu tamanho seria semelhante ao de uma águia segundo a maior parte dos autores que a caracterizam⁶⁶ e sua plumagem é de coloração esplêndida, marcada principalmente pela púrpura e pelo dourado⁶⁷, embora também haja menções ao vermelho⁶⁸. Sua relação com o Sol é assinalada de maneira quase unânime entre aqueles que narram o mito⁶⁹, salvo por Cláudio Eliano, e em alguns relatos, é denotada por uma auréola formada por penas ao redor de sua cabeça, semelhante ao halo solar.⁷⁰

⁶³ “a menos que atinja a idade da Fênix” (SAMÓSATA, 2013, v. 2, p.263).

⁶⁴ “E o grifo, quadrúpede alado, ou a Fênix, uma ave que existe na Índia, mas nunca foi vista por outras pessoas” (SAMÓSATA, 2013, v. 5, p. 95).

⁶⁵ Este indivíduo já te persuadiu de que é um bom homem? Mas um bom homem não pode ser feito ou conhecido tão rapidamente. Queres saber a quem eu chamaria de homem bom? A este, que é o de segunda categoria, pois o de primeira talvez só nasça uma vez a cada quinhentos anos, como a Fênix. (Tradução própria)

⁶⁶ vide Filóstrato, Heródoto e Plínio, O Velho.

⁶⁷ vide Aquiles Tácio, Filóstrato, Heródoto, Plínio, O Velho; e Tácito.

⁶⁸ vide Heródoto e Aquiles Tácio.

⁶⁹ vide Aquiles Tácio, Filóstrato, Heródoto, Ovídio, Plínio, O Velho; Pompônio Mela e Tácito.

⁷⁰ vide Aquiles Tácio e Plínio, O Velho.

Descrito como um ser único e singular⁷¹, salvo pela descrição de Antífanos que menciona o animal no plural; e distinto de outros animais, a ave é por vezes caracterizada como um ser que não possui hábitos alimentares⁷² ou sexuais, característica diretamente evidenciada por Pompônio Mela e Enesidemo (*apud* Diógenes Laércio).

A Arábia é a região mais comum a ser apontada como a origem da Fênix⁷³, embora ainda se encontrem menções à Índia⁷⁴ e à Etiópia⁷⁵. Originária do berço de materiais aromáticos na Antiguidade⁷⁶, a Fênix também aparece frequentemente⁷⁷ acompanhada por menções a substâncias perfumadas como incenso, canela ou mirra, que supostamente estariam presentes no ninho construído pela ave para morrer⁷⁸ e que, na representação ovidiana, também seriam seu alimento. Acerca de seu processo de padecimento, apenas três autores⁷⁹ fazem menção direta⁸⁰ ao processo de autocremação; a maior parte⁸¹ dá a entender que a nova Fênix tem origem no corpo morto, e não nas cinzas, de seu pai. As cinzas da ave também parecem compartilhar o caráter fantástico do ser, servindo como ingrediente tanto para compostos medicinais⁸² quanto para rituais de necromancia⁸³.

Em relação à identidade da nova ave que surge, apenas um autor⁸⁴ menciona claramente a ressurreição; outros⁸⁵ afirmam ou dão a entender que a nova Fênix se trata de outro indivíduo da mesma linhagem que, depois de crescido, carrega o corpo do pai até o Templo do Sol, em Heliópolis⁸⁶. Plínio, O Velho e Enesidemo também fazem alusão à cidade fantástica de Pancaia como ponto de referência, embora para o autor grego o destino da Fênix não se trate de Heliópolis, e sim de uma cidade árabe também grata ao Sol.

⁷¹ vide Ovídio, Pompônio Mela e Filóstrato.

⁷² vide Ovídio e Plínio, O Velho

⁷³ vide Heródoto, Plínio, O Velho, Pompônio Mela e Tácito.

⁷⁴ vide Filóstrato, Luciano, Plínio, O Velho e Tácito.

⁷⁵ vide Aquiles Tácio.

⁷⁶ “*It is the land of spices, the only country from which come frankincense, cassia, cinnamon, labdanum— and myrrh, the gum resin in which the Phoenix entombs its parent.*” (NIGG, 2016, p.41); É a terra das especiarias, o único país de onde vem o incenso, a cássia, a canela, o láudano e a mirra, a resina gomosa na qual a Fênix entomba seu pai (Tradução própria)

⁷⁷ vide Estácio, Filóstrato, Heródoto, Marcial, Ovídio, Plínio, O Velho; Pompônio Mela e Tácito.

⁷⁸ vide Filóstrato, Ovídio, Plínio, O Velho; Pompônio Mela e Tácito.

⁷⁹ vide Enesidemo, Filóstrato e Marcial.

⁸⁰ Lucano e Plínio, O Velho, apesar de não mencionarem diretamente o processo crematório, fazem referência às cinzas do ninho, o que pode ser entendido como uma alusão à incineração do corpo.

⁸¹ vide Ovídio, Plínio, O Velho; Pompônio Mela e Tácito.

⁸² vide Plínio, O Velho.

⁸³ vide Lucano.

⁸⁴ vide Pompônio Mela, embora Marcial dê a entender o mesmo.

⁸⁵ vide Aquiles Tácio, Heródoto, Ovídio, Plínio, O Velho; e Tácito.

⁸⁶ vide Ovídio, Pompônio Mela e Tácito.

Alguns autores afirmam que o corpo da ave anterior é transportado ao seu destino em um féretro, que consiste em uma bola de mirra⁸⁷ e barro⁸⁸ escavada pela nova Fênix. Curiosamente, em Tácito, há uma menção ao pássaro carregando um pedaço de mirra, mas apenas para testar suas forças antes de carregar o corpo paterno. Ao dirigir-se para a Cidade do Sol, a Fênix também é, por vezes, descrita acompanhada por um séquito de aves⁸⁹. Alguns autores⁹⁰ também afirmam que o animal entoa belos cânticos em contextos fúnebres, seja na sua morte, seja no enterro de seu pai.

Feita esta análise, podemos agora nos debruçar sobre a primeira obra da literatura latina que possui a Fênix como tema central.

⁸⁷ *vide* Heródoto e Pompônio Mela.

⁸⁸ *vide* Aquiles Tácio.

⁸⁹ *vide* Aquiles Tácio e Tácito.

⁹⁰ *vide* Aquiles Tácio e Filóstrato.

3 O POEMA

3.1 Pseudo-Lactâncio

Dentre os poemas que tratam mais longamente da Fênix, destaca-se *De ave phoenice*, composto por 171 versos que tratam exclusivamente do ciclo de morte e renascimento do animal e atribuído a L. Cecílio⁹¹ Firmiano Lactâncio, autor sobre o qual restam poucas informações. É estimado que tenha nascido em 250 d.C. no norte da África, provavelmente em Cirta, e morrido pouco antes de 340 d.C., em Treves, durante o império de Constantino.

Embora tenha crescido em uma família pagã, a obra de Lactâncio é composta majoritariamente de textos e discussões relacionados à fé cristã, como sua *Divinae institutiones*, coleção de sete livros, e seu *De officio Dei*, em que aborda a questão da Providência. Tendo em vista seus escritos principalmente voltados ao cristianismo, a atribuição do escritor à *De ave phoenice* pode parecer duvidosa, entretanto, é possível observar similaridades marcantes entre o texto e outros trabalhos do tratadista, não somente em ideias, mas também em construções gramaticais e figuras de linguagem. (HARRIS, 1976)

O texto também parece fazer referência a elementos bíblicos como o Jardim do Éden e a Fonte da Vida ao descrever o bosque sagrado em que habita o pássaro, bem como a simbologia do Sol como meio de representação divina, comum aos escritos cristãos do período. Há, porém, críticas que atribuem ao poema uma inspiração ideológica pagã, visto que menciona diretamente Febo em mais de uma passagem. (versos 33, 41, 51, 58 e 140).

Outro tema de debate entre os estudiosos se refere à alusão à deusa Vênus no texto (verso 165), visto que embora a exaltação da castidade seja considerada um traço distintamente cristão, a referência à divindade romana do amor e da beleza pode sugerir forte relação com o paganismo, incomum ao autor. Acerca disso, é relevante pontuar que este se encontrava imerso na cultura romana e, assim como outros autores da literatura cristã primitiva, poderia utilizar-se de imagens e símbolos pagãos como um meio de transmitir ideias e conceitos complexos de maneira mais acessível e familiar ao público.

Finalmente, a aceitação da morte e o posterior renascimento da ave (v. 169-170) podem aludir simbolicamente à ressurreição de Cristo. O contexto de morte da Fênix assemelha-se ao de um sacrifício, tanto pela presença de incenso como pela cremação do corpo.

⁹¹ Até mesmo informações relativas a seu nome são incertas, de modo que por vezes o autor é citado como L. Célio Firmiano Lactâncio. (CARRARA; NATIVIDADE, 2006)

7.2 Tradução

De ave phoenice

- Est locus in primo felix oriente remotus,
 Qua patet aeterni maxima porta poli,
 Nec tamen aestiuos hiemisque
 propinquus ad ortus,
 Sed qua sol uerno fundit ab axe diem.
- 5 Illic planities tractus diffundit apertos,
 Nec tumulus crescit nec caua uallis hiat,
 Sed nostros montes, quorum iuga celsa
 putantur,
 Per bis sex ulnas imminet ille locus.
 Hic Solis nemus est et consitus arbore
 multa
- 10 Lucus perpetuae frondis honore uirens.
 Cum Phaethonteis flagrasset ab ignibus
 axis,
 Ille locus flammis inuiolatus erat;
 Et cum diluuium mersisset fluctibus
 orbem
 Deucalioneas exsuperauit aquas.
- 15 Non huc exsanguis Morbi, non aegra
 Senectus
 Nec Mors crudelis nec Metus asper
 adest
 Nec Scelus infandum nec opum uesana
 Cupido
 Aut Ira aut ardens caedis amore Furor;

Da ave Fênix

- Há um lugar distante, mais perto do
 nascer do Sol,
 por onde se abre a grandíssima porta do
 eterno polo,
 nem tão próximo dos princípios do
 verão ou do inverno,
 mas por onde o Sol espalha o dia pelo
 firmamento vernal.
- 5 Lá, uma planície ampla se prolonga por
 extensões abertas,
 não crescem elevações nem cavos vales
 se abrem,
 mas nossos montes, cujos cumes são
 ditos elevados,
 por doze braças se eleva tal lugar.
 Aí é o bosque do Sol: de muitas árvores
 coberto,
- 10 mata verdejante honrada por fronde
 perpétua.
 Quando os fogos de Faetonte⁹²
 suspiraram no polo,
 tal lugar não foi tocado pelas chamas.
 E quando o dilúvio mergulhou o globo
 em ondas,
 [esta região] superou as águas de
 Deucalião⁹³.
- 15 Lá, não há pestes exangues nem a
 velhice doente,
 nem a cruel morte nem o áspero medo
 estão,
 nem o crime abominável nem o desejo
 insano por riquezas
 ou a ira, ou o matar por ardente furor de
 amor;

⁹²Filho do deus Hélio, que tendo tomado o carro paterno, não soube guiá-lo e incendiou o mundo. (FERRARI, 2018)

⁹³Referência ao dilúvio enviado ao mundo por Júpiter para exterminar a raça humana que tinha se degenerado e do qual só sobreviveram Deucalião e sua esposa, Pirra. (FERRARI, 2018)

Luctus acerbus abest et Egestas obsita
 pannis
 20 Et Curae insomnis et uiolenta Fames.
 Non ibi tempestas nec uis furit horrida
 uenti
 Nec gelido terram rore pruina tegit;
 Nulla super campos tendit sua uellera
 nubes
 Nec cadit ex alto turbidus umor aquae.
 25 Est fons in medio, quem uiuum nomine
 dicunt,
 Perspicuus, lenis, dulcibus uber aquis;
 Qui semel erumpens per singula
 tempora mensum
 Duodecies undis inrigat omne nemus.
 Hic genus arboreum procero stipite
 surgens
 30 Non lapsura solo mitia poma gerit.
 Hoc nemus, hos lucos auis incolit unica
 Phoenix,
 Unica, sed uiuit morte refecta sua.
 Paret et obsequitur Phoebus ueneranda
 satelles:
 Hoc Natura parens munus habere dedit.
 35 Lutea cum primum surgens Aurora
 rubescit,
 Cum primum rosea sidera luce fugat,
 Ter quater illa pias inmergit corpus in
 undas,
 Ter quater e uiuo gurgite libat aquam.
 Tollitur ac summo considit in arboris
 altae
 40 Vertice, quae totum despicit una nemus,

não há o luto cruel e a pobreza coberta
 de trapos
 20 e as preocupações insones e a fome
 violenta.
 Lá não há tempestades, nem arremete a
 força horrenda dos ventos
 nem a geada cobre a terra com seu
 rígido orvalho;
 nenhuma nuvem pelos campos estende
 seu velo,
 nem cai do alto o turbulento humor de
 água.
 25 Mas, no meio, há um manancial dito
 vivo,
 luzente, sereno e fértil pelas águas
 doces;
 que uma vez irrompe a cada mês
 doze vezes irriga com suas ondas todo o
 campo.
 Lá, uma família de árvores ergue-se
 com o tronco alto,
 30 produz agradáveis frutos que nunca
 tocarão o chão.
 Esta mata, estes bosques consagrados
 habita a Fênix, ave única;
 única, mas que vive refeita de sua
 morte.
 Guarda veneranda, obedece e segue a
 Febo⁹⁴:
 Deste presente a mãe natureza deu-lhe a
 posse.
 35 Quando primeiro a corada aurora
 enrubesce,
 quando começa a afugentar os astros
 com sua luz rósea,
 doze vezes submerge seu corpo nas
 ondas sacras,
 doze vezes bebe a água da viva
 nascente.
 Alça voo e se põe no mais alto topo de
 uma grande árvore,
 40 d'onde observa sozinha todo o bosque

⁹⁴ O deus Apolo.

Et conuersa nouos Phoebi nascentis ad
 ortus
 Expectat radios et iubar exoriens.
 Atque ubi Sol pepulit fulgentis limina
 portae
 Et primi emicuit luminis aura leuis,
 45 Incipit illa sacri modulamina fundere
 cantus
 Et mira lucem uoce ciere nouam,
 Quam nec aedoniae fauces nec tibia
 possit
 Musica Cirrheis adsimulare modis
 Et neque olor moriens imitari posse
 putetur
 50 Nec Cylleneae fila canora lyrae.
 Postquam Phoebus equos in aperta
 effudit Olympi
 Atque orbem totum protulit usque
 means,
 Illa ter alarum repetito uerbere plaudit
 Igniferumque caput ter uenerata silet.
 55 Atque eadem celeres etiam discriminat
 horas
 Innarrabilibus nocte dieque sonis,
 Antistes luci nemorumque uerenda
 sacerdos
 Et sola arcanis conscia, Phoebe, tuis.
 Quae postquam uitae iam mille
 peregerit annos
 60 Ac sibi reddiderint tempora longa
 grauem,
 Ut reparet lapsum spatiis uergentibus
 aeuum,
 Adsuetum nemoris dulce cubile fugit;

e virada para os novos berços do Sol
 nascente,
 espera os raios e a glória oriente.
 E onde o Sol tange o limiar da porta
 fulgente,
 e cintila o leve esplendor do primeiro
 clarão,
 45 ela começa a espalhar a melodia do
 sacro canto
 e com admirável voz incita a nova luz,
 Música que nem as gargantas dos
 rouxinóis, nem as flautas
 podem similar com os metros de Cirra⁹⁵
 e nem julgue-se que o cisne morrendo
 pode imitar,
 50 nem as sonoras cordas da lira de
 Cilene⁹⁶.
 Depois que Febo mergulha os cavalos
 no largo do Olimpo
 e continuamente os traz por todo o
 globo,
 três vezes ela aplaude com repetido
 açoite as suas asas,
 e três vezes abaixada a cabeça
 flamejante, silencia.
 55 A mesma também indica as céleres
 horas,
 de dia e de noite, com inenarráveis
 sons,
 pontífice da luz e sacra sacerdotisa dos
 bosques
 e única conhecedora, ó Febo, de teus
 arcanos.
 A qual, cumpridos mil anos de vida,
 60 Os longos tempos a tornam pesada,
 para reparar a queda causada pelos
 séculos que a curvam,
 do doce ninho costumeiro do bosque se
 evade;

⁹⁵ A cidade de Fócida, situada próxima a Delphos; Relativa a Apolo. (FERRARI, 2018)

⁹⁶ A mais oriental das montanhas de Peloponeso, lugar de origem de Hermes, deus que teria inventado a flauta. (FERRARI, 2018)

- Cumque renascendi studio loca sancta reliquit,
Tunc petit hunc orbem, mors ubi regna tenet.
- 65 Derigit in Syriam celeres longaeua uolatus,
Phoenicen nomen cui dedit ipsa uetus,
Securosque petit deserta per auia lucos,
Sicubi per saltus silua remota latet.
Tum legit aerio sublimem uertice palmam,
- 70 Quae Graium Phoenix ex aue nomen habet,
In quam nulla nocens animans prorepere possit,
Lubricus aut serpens aut auis ulla rapax.
Tum uentos claudit pendentibus Aeolus antris,
Ne uiolent flabris aera purpureum
- 75 Neu concreta noto nubes per inani caeli
Submoueat radios solis et obsit aui.
Construit inde sibi seu nidum siue sepulchrum:
Nam perit ut uiuat, se tamen ipsa creat.
Colligit huic sucos et odores diuite silua,
- 80 Quos legit Assyrius, quos opulentus Araps,
Quos aut Pygmeae gentes aut India carpit
Aut molli generat terra Sabaea sinu.
Cinnamon hic auramque procul spirantis amomi
- quando abandona os santos locais com zelo de renascer,
então dirige-se para este mundo, onde reina a Morte.
- 65 Longeva, dirige seu célere voo para a Síria,
a qual ela mesma deu o nome antigo de Fenícia,
busca bosques sossegados por ermos desertos,
Algures onde entre desfiladeiros uma mata remota se esconde.
Escolhe então uma alta palmeira de píncaro que se eleva no ar,
- 70 cujo nome grego “Fênix” vem da ave,
na qual nenhum animal pernicioso pode esgueirar-se,
nem serpente escorregadia ou ave de rapina.
E os ventos Éolo⁹⁷ fecha em seus esconderijos suspensos,
para que não perturbem com seus sopros o purpúreo ar,
- 75 e nem a nuvem espessa, arrastada pelo Noto⁹⁸ através dos vãos do céu,
afaste os raios de sol e estorve a ave.
Lá constrói para si, seja ninho ou sepulcro:
pois perece para viver, gera, porém, a si mesma.
Reúne então seivas e odores da rica mata
- 80 os quais escolhe o assírio e o opulento árabe,
os quais as gentes pigmeias ou a Índia colhe,
ou a terra de Sabá gera em sua branda costa.
Neste lugar, canela e o aroma do amomo que sopra ao longe,

⁹⁷ Rei dos ventos (FERRARI, 2018)

⁹⁸ Deus do vento Sul, responsável por tempestades (FERRARI, 2018)

Congerit et mixto balsama cum folio.
 85 Non casiae mitis nec olentis uimen
 acanthi
 Nec turis lacrimae guttaque pinguis
 abest.
 His addit teneras nardi pubentis aristas
 Et sociat myrrae uim, Panachaea, tuae.
 Protinus instructo corpus mutabile nido
 90 Vitalique toro membra uieta locat.
 Ore dehinc sucos membris circumque
 supraque
 Inicit exequiis inmoritura suis.
 Tunc inter uarios animam commendat
 odores,
 Depositi tanti nec timet illa fidem.
 95 Interea corpus genitali morte
 peremptum
 Aestuat et flammam parturit ipse calor,
 Aetherioque procul de lumine concipit
 ignem:
 Flagrat et ambustum soluitur in cineres.
 Quos uelut in massam cineres umore
 coactos
 100 Conflat; et effectum seminis instar
 habet.
 Hinc animal primum sine membris
 fertur oriri,
 Sed fertur uermi lacteus esse color.
 Ac uelut agrestes, cum filo ad saxa
 tenentur,
 Mutari tineae papilione solent,
 105 It tener in densum duratus tempore
 certo.

Amontoa, e também bálsamo misturado
 com nardo;
 85 nem a agradável canela, nem a vinha do
 olente acanto,
 nem lágrimas de incenso e gotas
 espessas faltam.
 A estas adiciona as tenras espigas do
 nardo crescente
 e combina com a força da tua mirra, ó
 Panacéia⁹⁹.
 De pronto, construído o ninho, o corpo
 mutável
 90 E os membros maduros acomoda na
 cama vivificante.
 então, com o bico, seiva pelos
 membros, ao redor e por cima
 espalha, imorredoura, para os seus
 funerais.
 Então, entre vários odores, entrega a
 alma,
 de tamanho valor, nem teme ela o
 penhor.
 95 Entretanto, o corpo falecido de morte
 fecunda
 queima, e o próprio calor parteja uma
 chama,
 e longe, de luz etérea concebe um fogo:
 em brasa e combusto, desfaz-se em
 cinzas,
 que como em massa, unida pela
 umidade,
 100 Anima, e tem efeito similar ao de uma
 semente.
 Daí, diz-se que primeiro um animal sem
 membros nasce,
 e diz-se que é de leite a cor do verme.
 Mas como as que, agrestes, com fios se
 prendem às rochas,
 costumam transformar-se as lagartas em
 borboletas,
 105 vai de tenro a maciço, endurecido pelo
 tempo apropriado.

⁹⁹ A deusa grega Deméter. (FERRARI, 2018)

- Seque oui teretis colligit in speciem;
 Inde reformatur quali fuit ante figura
 Et Phoenix ruptis pullulat exuuiis.
 Non illi cibus est nostro consuetus in orbe
- 110 Nec cuiquam implumem pascere cura subest;
 Ambrosios libat caelesti nectare rores,
 Stellifero tenues qui cecidere polo.
 Hos legit, his alitur mediis in odoribus ales,
 Donec maturam proferat effigiem.
- 115 Ast ubi primaeva coepit florere iuuenta,
 Euolat ad patrias iam reditura domus.
 Ante tamen, proprio quicquid de corpore restat,
 Ossaue uel cineres exuuiasque suas
 Unguine balsameo myrraque et ture soluto
- 120 Condit et in formam conglobat ore pio.
 Quam pedibus gestans contendit Solis ad urbem
 Inque ara residens ponit in aede sacra.
 Mirandam sese praestat praebetque uerendam:
 Tantus aui decor est, tantus habundat honor.
- 125 Praecipuus color est, quali sunt, sidere Cancrī
 Mitia quae corio, Punica, grana tegunt,
 Qualis inest foliis, quae fert agreste papauer,
- E se arruma na forma de um ovo redondo;
 d'onde se reforma conforme a figura que antes foi
 e salta a Fênix, rompidos os despojos.
 Não há para ela alimento habitual em nosso mundo,
- 110 nem ninguém há a cura de alimentar o implume;
 Alimenta-se de orvalhos ambrósios, de celestial néctar,
 que leves caíam do estelífero pólo.
 Estes escolhe, com estes alimenta-se a ave em meio a odores,
 enquanto não mostra sua imagem madura.
- 115 Mas assim que a juventude começa a florescer,
 parte, voa já pronta para retornar à casa paterna.
 Porém, antes, o que resta de seu próprio corpo,
 ossos, cinzas e despojos seus,
 em unguento balsâmico, mirra e incenso espalhado,
- 120 enterra e reúne em forma de esfera com o bico piedoso.
 E carregando-a nas garras, dirige-se à cidade do Sol¹⁰⁰
 e demorando-se em um altar, deposita em templo sacro.
 Admirável se mostra e digna de veneração se apresenta:
 Tamanho o decoro da ave, tamanha honra abunda.
- 125 É de extraordinária cor, tal como a das estrelas de Câncer
 tal como a casca que protege os grãos tenros da romã,
 tal como a das pétalas que ostenta a agreste papoula
 Cum pandit uestes flore rubente nouo.

¹⁰⁰ A cidade egípcia Heliópolis.

- Hoc humeri pectusque decens uelamine
fulget,
130 Hoc caput, hoc ceruix summaque terga
nitent;
Caudaque porrigitur fuluo distenta
metallo,
In cuius maculis purpura mixta rubet;
Alarum pennas lux pingit discolor, Iris
Pingere ceu nubes desuper acta solet;
135 Albicat insignis mixto uiridante
zmaragdo
Et puro cornu gemmea cuspis hiat;
Ingentes oculos credas geminos
hyacinthos,
Quorum de medio lucida flamma micat;
Arquata est rutilo capiti radiata
coronaem
140 Phoebei referens uerticis alta decus;
Crura tegunt squamae fuluo distincta
metallo,
Ast unguis roseo tinguit honore color.
Effigies inter pauonis mixta figuram
Cernitur et pictam Phasidis inter auem.
145 Magnitiem, terris Arabum quae gignitur,
ales
Vix aequare potest, seu fera seu sit auis.
Non tamen est tarda, ut uolucres quae
corpore magno
Incessus pigros per graue pondus
habent,
- quando exhibe as vestes rubentes de uma
nova flor.
O peito, os ombros reluzem com esta
graciosa cobertura,
130 Com ela, a cabeça, a cerviz e o supremo
torso brilham;
e a cauda se estende, ornada de fulvo
metal,
cujas manchas a púrpura mista
enrubesce.
As penas das asas, a luz pinta de cores
várias, como Íris
costuma, por cima, pintar a nuvem
impelida;
135 Alveja, notável, misto à verdejante
esmeralda
o puro bico, que se abre em ponta
gemada;
Imagines que os grandes olhos são
gêmeos jacintos,
do meio dos quais uma lúcida chama
dardeja;
na cabeça rutilante está resplandecente
coroa arqueada
140 alta, que leva consigo a glória da cabeça
de Febo;
cobrem as distintas pernas escamas do
fulvo metal,
e rósea honra tinge as unhas.
A efigie entre a figura de um mesclado
pavão
se divisa, e entre as coloridas aves do
Fásis¹⁰¹.
145 A grandeza da ave, que nasce nas
terras dos Árabes,
não pode ser igualada; seja por fera,
seja por pássaro.
Porém não é lenta como os pássaros
que, de grande corpo,
voos lentos pelo grave peso possuem,

¹⁰¹ Cidade antiga na costa leste do Mar Negro, de onde derivam os faisões. (FERRARI, 2018)

Sed levis ac uelox, regali plena decore:
 150 Talis in aspectu se tenet usque
 hominum.
 Huc uenit Aegyptus tanti ad miracula
 uisus
 Et raram uolucrum turba salutat ouans.
 Protinus exculpant sacrato in marmore
 formam
 Et titulo signant remque diemque nouo.
 155 Contrahit in coetum sese genus omne
 volantum,
 Nec praedae memor est ulla nec ulla
 metus.
 Alituum stipata choro uolat illa per
 altum
 Turbaque prosequitur munere laeta pio.
 Sed postquam puri peruenit ad aetheris
 auras,
 160 Mox redit; illa suis conditur inde locis.
 Sat fortunatae sortis finisque uolucrum,
 Cui de se nasci praestitit ipse deus!
 Femina seu mas est seu neutrum: belua
 felix,
 Felix quae Veneris foedera nulla coit!
 165 Mors illi Venus est, sola est in morte
 uoluptas:
 Ut possit nasci, appetit ante mori.
 Ipsa sibi proles, suus est pater et suus
 heres,
 Nutrix ipsa sui, semper alumna sibi.
 170 Ipsa quidem, sed non eadem est;
 eademque nec ipsa est,
 Aeternam uitam mortis adepta bono.

mas é leve e veloz, cheia de real decoro:
 150 Tal em aspecto se mostra frente aos
 homens.
 Aí acorre o Egito para a visão de
 tamanho milagre
 e saúda a turba ovante a rara ave.
 De pronto, esculpem em sagrado
 mármore sua figura
 e em nova inscrição assinalam o
 acontecimento e o dia.
 155 Reúnem-se em bando todo o gênero de
 aves,
 Ela, cercada pelo coro das aves, voa
 pelo alto céu
 e a turba segue em cortejo alegre com a
 pia função.
 Mas, depois de alcançadas as auras do
 puro éter,
 160 logo retorna; oculta-se ela em seus
 domínios.
 Ó pássaro afortunado por sina e por fim,
 ao qual o próprio deus determinou
 nascer de si mesmo!
 Seja fêmea, seja macho, seja neutro:
 feliz alimária.
 Feliz que não se ajunta em aliança de
 amor!
 165 A Morte lhe é Vênus, só na morte está
 seu gozo:
 para que possa nascer, apraz-lhe antes
 morrer.
 Ela é de si mesma a prole, o pai e o
 herdeiro,
 nutriz de si mesma, sempre por si
 alimentada.
 170 A mesma, mas não igual; e igual, mas
 não a mesma.
 A vida eterna, pelo bem da Morte,
 alcançou.

3.3 Comentários

O poeta optou por iniciar o texto descrevendo a morada da Fênix, que se encontra em um local mais perto do nascer do Sol (*in primo oriente*) e esta é a primeira indicação da relação da ave com o deus. O ambiente que cerca o animal é representado equidistante das zonas onde o inverno e o verão se mostram mais fortes, tendo portanto um clima ameno e equilibrado. Também, em sua geografia física, é descrito como uma planície sem grandes elevações ou depressões, marcada apenas por montes semelhantes aos encontrados ao redor de Roma (*nec tumulus crescit, nec caua uallis iat/ sed nostros montes*).

Neste sítio, encontra-se o bosque do Sol, cujas características denotam imutabilidade quanto a grandes catástrofes como o incêndio causado por Faetonte e o dilúvio, do qual restou apenas Deucalião e Pirra, e às mudanças sazonais. A isenção de estações se assemelha ao estado desfrutado pelo mundo inteiro durante a Era de Ouro, conforme dito por Ovídio¹⁰² e o fato de não ter sido tocado pelo dilúvio enviado por Júpiter para limpar a terra corrompida, indica a pureza constante do ambiente que, imune às mudanças físicas, também é insujeito à corrupção, conforme demonstrado pelos próximos versos onde todas as coisas tristes (como o medo, a fome, a velhice etc.) que assolam os homens ali inexistem.

O poeta também indica que não existem mudanças climáticas que interfiram no aspecto do bosque ou obscureçam a luz do Sol, como geadas ou tempestades. A ausência de *humores de água* nos faz lembrar da descrição do mundo antes do dilúvio narrado em Gênesis, quando Deus ainda não tinha mandado chuva sobre a terra.¹⁰³ O lugar, entretanto, é irrigado por um manancial¹⁰⁴ que irrompe uma vez a cada mês do ano, indicando novamente a relação do bosque com o ciclo solar aparente.

É possível fazer uma associação entre o manancial que alimenta o espaço ao seu redor e Cristo, dito fonte da água viva¹⁰⁵. Outra semelhança com o Éden é a abundância de frutos úteis para a alimentação que nunca apodrecem, em oposição ao que seria esperado de um ambiente com tamanha fartura.

Após esta descrição do local, é introduzida a Fênix, acompanhada pelo mesmo epíteto que foi usado por Ovídio em sua primeira descrição registrada na literatura latina, *unica*. Na mesma ocasião, é feita a menção ao seu processo de ressurreição (*sed uiuit morte relecta sua*). Imediatamente a seguir, Lactâncio opta por mostrar a relação da ave com Febo, a quem

¹⁰² “*uer erat aeternum*” (Ovid, *Metamorph.*, Livro I, 107)/ “A primavera era eterna” (Tradução própria)

¹⁰³ (BÍBLIA, Gênesis 2:5)

¹⁰⁴ É possível estabelecer uma associação entre o manancial descrito por Lactâncio e as enchentes do Nilo, presentes no mito do *benue* egípcio.

¹⁰⁵ (BÍBLIA, Salmos 36:9) e (BÍBLIA, João 4:10)

“segue e obedece”, esperando e saudando o Sol nascente. Novamente, o número doze é evocado, visto que a ave reproduz cotidianamente, ao realizar o processo de submergir o corpo nas ondas sacras do manancial e beber de suas águas, o ciclo do Sol durante o ano e as doze horas do dia.

É relevante pontuar a ocorrência de um símbolo comum ao mito da Fênix, seu pouso em uma grande árvore (*Tollitur ac summo consedit in arboris altae*). Esta imagem, recorrente especialmente na representação grega do mito e nos escritos de Plínio, O Velho, parece aludir à palmeira homônima, *φοῖνιξ* e pode indicar a posição privilegiada (mais perto do Sol) que o animal ocupa em relação ao mundo que o rodeia.

Em adição às qualidades do pássaro, este é descrito como possuidor de uma voz sublime, superior até mesmo ao lendário canto do cisne morrendo. Devido a sua íntima ligação com o Sol, a Fênix parece lamentar seu ocaso, três vezes batendo as asas e abaixando a cabeça, silente. A tripla repetição do comportamento melancólico pela morte do Sol pode ser entendida como uma referência aos três dias que Cristo passou nos reinos da Morte, portanto em silêncio.

Em seguida, há uma confirmação do caráter sacro da ave, representada como uma sacerdotisa de Febo e única conhecedora de seus segredos. Ao narrar o falecimento da Fênix, o poema parece novamente se aproximar de um simbolismo cristão, pois assim como Cristo, a ave também abandona um ambiente perfeito, dirigindo-se *para este mundo, onde reina a Morte*, a fim de reparar uma queda. É mister pontuar a escolha de Lactâncio em retratar o tempo de vida da Fênix de modo diferente da maior parte dos autores precedentes que versaram sobre o pássaro. Esta opção pode ter sido ocasionada em razão do efeito de completude transmitido pelo número mil que, por ser múltiplo de dez, produz uma imagem de inteireza.

O poeta segue com a descrição do local escolhido para a morte da Fênix: Fenícia, na Síria, cujo nome teria sua origem no pássaro. Lá, o animal sagrado procura um bosque cercado por ermos e desfiladeiros para isolar-se. É possível notar uma similitude entre a atitude da ave e a do Cristo, que também buscou um lugar remoto (o Monte das Oliveiras) para se preparar para a morte. Há também uma semelhança entre o comportamento da ave e os hábitos dos eremitas cristãos, que buscavam lugares afastados dos homens para “morrer” para o Mundo e “renascer” para Deus. A Fênix, segundo o poema, busca então uma palmeira, árvore que, em grego, é homônima ao pássaro e frequentemente associada a ele em suas representações. Aqui também se pode encontrar um elemento que evoca a imagem da crucificação, pois o próprio Cristo informa que um elemento essencial para sua morte é que

ela se dê em lugar elevado: “É necessário que o filho do homem seja levantado” (Evangelho segundo São João 3:14).

É importante notar que o local da morte do pássaro do Sol, é isento de elementos que possam atrapalhar sua passagem: nenhum animal pode esgueirar-se até seu ninho e mesmo os ventos são trancados por Éolo para garantir que não estorvem a ave, o que indica a importância da Fênix a nível cósmico, visto que até os deuses se preocupam com a sua ressurreição.

Na sequência, o poema nos descreve o processo de construção do ninho e pira funerária para o qual a ave reúne especiarias típicas de vários lugares do mundo, mas encontradas todas no bosque que o animal elegeu para morrer. A constante menção a incenso e outros materiais olerosos ressalta o caráter ritualístico e sacrificial do falecimento, pois tanto entre judeus (Êxodo 30:7), como entre cristãos (Apocalipse 8:3) e pagãos, o incenso era uma matéria ofertada aos deuses.

Depois de estruturar seu ninho e de se cobrir de unguentos olerosos, processo que lembra os ritos fúnebres judaicos do século I d.C (Evangelho segundo São João, 19:39-40) e os processos de embalsamamento egípcios, a Fênix morre, confiante na ressurreição. A atitude de não temer a morte, mas antes sofrê-la com confiança e a expressão utilizada pelo autor do poema nesse trecho assemelham-se ao relato da crucificação do Cristo que, em seus últimos instantes, teria dito: “*Pater, in manus tuas commendo spiritum meum*” (*Evangelium secundum Lucam XXIII:46*). Depois de morto, o corpo da Fênix incendeia-se por sua própria virtude até só restarem cinzas, das quais surgem um pequeno verme, que se enrola e endurece até ficar semelhante a um ovo, descrição que concorda com a feita por Plínio e pelos comentários rabínicos.

Algum tempo depois, salta a Fênix do ovo, já em formato de pássaro. O novo animal não tem necessidade de alimentar-se com a mesma comida que outros seres ingerem: sua alimentação consiste em humores etéreos, oriundos do céu. Esta característica reforça a imagem da ave como um ser que não pertence a este mundo, pois sua nutrição não deriva do mundo infralunar, sujeito à geração e à corrupção, mas das eternas esferas celestes, sendo semelhante à ambrosia consumida pelos deuses.

Assim que atinge a maturidade, o animal trata de cumprir seus deveres em relação à piedade: envolve em incenso, mirra e bálsamo os restos de seu próprio corpo, leva-os até a Cidade do Sol e deita-os em um altar. Tamanha é a sacralidade da ave que mesmo os restos combustos de seu corpo precisam ser tratados com reverência: não devem ser tocados por substâncias impuras, daí a necessidade de envolver seus despojos em especiarias. Como a ave

é serva leal do Deus Sol, o único local apropriado para dar repouso às suas cinzas era o templo dedicado ao deus em Heliópolis.

Na sequência, há uma descrição física da ave. Seu corpo é coberto de tons maravilhosos de vermelho, sua cauda tingida de reluzente dourado em que se destacam manchas de púrpura, as asas brilham nas cores do arco-íris, seu bico é uma mistura de branco com a cor da esmeralda e seus olhos são como jacintos, que emitem uma como luz de chama. Sua cabeça resplandecente é encimada de uma coroa de penas, semelhante à glória de Febo, isto é, ao halo solar. Seu corpo finda em pernas de auras escamas e pés ornados de unhas róseas. Neste trecho, a Fênix é pintada como a síntese das maiores belezas encontradas no mundo natural e nenhuma parte de seu corpo possui cor ou aspecto banal. Importa salientar que alguns desses aspectos indicam a realeza da ave: a abundância da púrpura e do dourado em seu corpo, bem como a coroa de penas que lhe encima a cabeça.

Neste caráter real do pássaro pode estar outra aproximação com Cristo que, no Apocalipse de São João (1:7-20), também é descrito com um corpo maravilhoso onde estavam presentes o resplendor dos metais e das pedras preciosas, do brilho do sol e olhos semelhantes ao fogo. Ave nenhuma, nem mesmo as que são símbolo de beleza, como o pavão e os faisões aproximam-se do esplendor da Fênix.

Além de sua feição extraordinária, o animal não é superado em tamanho por nenhuma ave ou fera¹⁰⁶. No entanto, sua grandeza não é motivo de lentidão ou falta de jeito: a fênix é veloz e elegante, o que indica que não é afetada pelas limitações que a natureza impõe aos outros seres, mas pode reunir em si virtudes consideradas mutuamente excludentes.

Nos versos seguintes, relata-se a aparição da ave em Heliópolis, em que é reverenciada e ovacionada pelo povo egípcio, outra passagem que pode remeter ao Cristo, visto que este, ao ascender aos Céus, é também ovacionado por uma turba (Evangelho Segundo São Lucas 24:50-53). Tal hipótese é reforçada pela descrição dos últimos instantes da ave no Mundo dos Homens, pois depois de ser acompanhada em procissão pelo seu séquito até o alto céu, a Fênix retorna à “paterna morada”, onde se oculta.

Os últimos versos do poema são um encômio à ave, em que o autor faz um jogo de palavras estabelecendo tensões a partir dos conceitos de vida e morte que, usualmente opostos, encontram-se sintetizados na imagem da Fênix. A morte passa então a ter um aspecto positivo, sendo equiparada à Vênus, deusa dos prazeres e único enlace do pássaro, caracterizado por sua castidade.

¹⁰⁶ Aqui há um elemento novo na descrição da Fênix, não presente na descrição greco-latina, que igualava a ave ao tamanho de uma águia. Referências à Fênix como um pássaro enorme só são encontradas na literatura judaica.

É justamente neste final que o tom cristão do texto salta aos olhos, pois a Fênix é usada no trecho para ressignificar a morte, dando-lhe um caráter de transcendência, como pode ser encontrado nos Evangelhos: “Aquele que ama sua vida a perderá, entretanto aquele que odeia sua vida neste mundo a preservará” (Evangelho Segundo São João 12:25).

3.4 *De ave phoenice* no contexto da evolução do mito

É possível observar que no poema atribuído a Lactâncio há uma tentativa de sintetizar o maior número possível de elementos encontrados em outras descrições. Apesar de ainda seguir a estrutura básica do mito fornecida por Heródoto, o poema se apropria de informações presentes em produções anteriores para construir uma versão do mito com descrições extremamente ricas em detalhes. Mas não é só isso: o autor de *De ave Phoenice* buscou selecionar as características que contribuíam de modo mais significativo para a formação da imagem de uma Fênix sagrada e fortemente relacionada à divindade.

Além disso, a obra traz informações novas acerca do pássaro, não registradas na tradição greco-latina. Não é possível determinar se o autor teve acesso a fontes que não nos chegaram, se se apropriou de outras tradições relativas ao animal, como a judaica ou simplesmente inventou características onde achou necessário para enriquecer o mito. Apesar de não ser adequado afirmar taxativamente que o poema foi escrito por um autor cristão, é possível compreender por que razões a tradição cristã posterior apropriou-se da obra como uma metáfora para a Ressurreição. Sejam intencionais ou não, é inegável que há elementos no poema que podem ser compreendidos como referências à história evangélica.

Assim, *De ave phoenice* cumpre um papel muito importante na evolução histórica do mito: sintetizou muito das informações acerca da ave, facilitando assim o contato com a Fênix ao mesmo tempo em que amplia a narrativa ao conferir-lhe novas características. Além disso, a possibilidade de uma associação ao cristianismo faz do poema uma ponte entre a tradição greco-latina anterior, marcada pelo paganismo, e o novo simbolismo da ave em contexto cristão.

4 O PROJETO DIDÁTICO

4.1 Introdução

Objetivando aplicar a temática de relato mitológico a partir de uma metodologia de ensino de Língua Portuguesa e Literatura centrada nos quatro eixos propostos pela BNCC. Para tornar a aplicação e organização do projeto mais fácil, optou-se por dividi-lo em quatro partes, cada uma correspondente a um dos eixos propostos e centradas na temática do relato mitológico e da Fênix como símbolo de continuidade. Para garantir a efetividade da metodologia, é proposta a inclusão de exposições dialogadas e atividades que permitam aos alunos aplicar os conceitos aprendidos de forma concreta e significativa. Ao final, será realizada uma avaliação da metodologia aplicada por meio da apresentação das produções dos estudantes, com possíveis ajustes e melhorias para garantir um aprendizado ainda mais efetivo e enriquecedor para os alunos.

Com o intuito de orientar a prática docente, faz-se necessário que o professor de Língua Portuguesa e Literatura defina como norte concepções de língua e ensino. Para tal, foram selecionados os conceitos de Geraldi (1997) que definem a linguagem como um processo interacional e socialmente situado. Assim, o docente deve buscar capacitar o estudante como sujeito da prática linguística, possibilitando seu desenvolvimento como autor de textos escritos e falados capazes de gerar impacto profundo na sociedade. Assim, foi necessário buscar apoio nos eixos propostos pelos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) de Língua Portuguesa, que estabelecem o conceito de leitura, análise linguística, oralidade e produção textual como unidades básicas do ensino. Nesse sentido, é importante destacar que a prática da linguagem na escola deve contemplar os processos dialógicos vigentes, ou seja, estar situada histórica e socialmente. Como consta no documento:

É importante que o aluno compreenda que o processo de produção de textos é uma prática social que envolve escolhas e adequações linguísticas, por isso deve ser tratado com um enfoque que contemple a reflexão sobre os recursos expressivos e as formas de organização textual, assim como sobre as condições de produção, os gêneros textuais e os interlocutores. (BRASIL, 2000, p. 34)

Dentro deste contexto, o estudo dos gêneros mitológicos permite a reflexão consciente e articulada acerca das escolhas e adequações linguísticas experienciadas pelos estudantes e a apropriação dos procedimentos composicionais, garantindo autonomia durante o processo de formação do educando como um sujeito capaz de atuar socialmente e artisticamente. Diante disso, é possível compreender a importância da vivência e apreensão do estudante dos diferentes meios formadores de ação social por meio da língua e, portanto, averiguar a

necessidade do contato com tipos variados de texto em sala de aula. Esta experiência, entretanto, não deve se mostrar desconectada de seu funcionamento social ou isolado em relação a outros eixos, mas expressar uma visão da linguagem em constante dialética com o mundo, modificando-o e sendo modificada por ele.

Buscando a realização das atividades propostas de modo articulado e contextualizado, optou-se pela construção de um projeto didático intitulado “Entre Harry Potter e Plínio, O Velho: A figura da Fênix como um exemplo de continuidade na literatura” que contemplasse os eixos de ensino propostos pelos PCNs. Dentre as vantagens de utilizar esta metodologia como meio de organização do processo de ensino-aprendizagem, Suassuna, Melo e Coelho (2006) ressaltam:

Ao nosso ver, o projeto didático/temático permite recuperar o movimento intrínseco à prática da linguagem: ler o que o outro disse; comparar com um outro dizer de um outro sujeito; verificar as diferentes formas de dizer; ter o próprio texto lido; procurar dizer de um certo modo; buscar informações sobre como dizer; avaliar os diferentes efeitos de sentido do dizer... são práticas de professores e alunos que, juntos, atuam como produtores de significados (p.233)

Ao propor o trabalho com o eixo de leitura, é necessário portanto nortear sua aplicação a partir de uma abordagem que capacite o estudante a compreender a função do mito da Fênix nas sociedades em que se fez presente, bem como as modificações sofridas para sua integração na sociedade ocidental contemporânea.. A partir da leitura, objetiva-se que o aluno diferencie características próprias do gênero relato mitológico e estabeleça relações entre sua produção e os contextos históricos, sociais e culturais que o norteiam para, em seguida, construir suas próprias estratégias de intervenção artística. Acerca disso, é dito por Leite (*apud* SUASSUNA; MELO; COELHO, 2006):

com o aprofundamento dos estudos da linguística e da teoria literária, tem ficado cada vez mais claro que o material com que trabalha a literatura é fundamentalmente a palavra. (...) estudar literatura significa também estudar língua e vice-versa (p.229)

Tendo em vista a apropriação de tais princípios, o trabalho com o eixo de leitura deve ser unido à prática de Análise Linguística, possibilitando assim uma reflexão acerca das possibilidades de uso da língua e sua intencionalidade no fazer artístico. De acordo com Suassuna (2012), o ensino de análise linguística se mostra uma opção mais adequada para o estudo da língua sob uma perspectiva interacionista. Ao promover uma abordagem que se estende para além da gramática e da norma-padrão, é possível dar conta de processos e fenômenos enunciativos de modo contextualizado, contribuindo para a formação da autonomia do estudante. Assim, a realização de atividades que busquem abarcar fenômenos

linguísticos e extralinguísticos é essencial para que o discente vá “[...] progressivamente construindo um corpo de conhecimentos amplo e consistente que lhe assegure autonomia e capacidade de lidar com a linguagem em situações novas.” (SUASSUNA, 2012, p. 18).

A partir do desenvolvimento do sujeito capaz de utilizar os recursos linguísticos para formar suas próprias estratégias de atuação, é necessário construir o eixo de Produção Textual levando em conta elementos de autoria, criatividade, reprodutibilidade e intertextualidade. Assim, é mister que o docente possibilite discussões, escritas e reescritas não apenas para se adequarem a normas de gênero e gramática como frequentemente ocorre no ensino tradicional de LP, mas para corresponder às suas especificidades, como contexto de produção e público-alvo.

Partindo do princípio de que a apropriação das características e normas que compõem a produção de um gênero só pode ocorrer por meio do contato com diferentes textos e que a independência ao utilizar os mais diversos recursos da língua só pode ocorrer a partir de uma reflexão profunda acerca de suas práticas, destaca-se a articulação tripla que deve ser mediada pelo discente nas aulas de Língua Portuguesa e Literatura. Assim, o eixo de Produção Textual articula-se diretamente com o eixo de Leitura, caracterizado por Antunes (2002) como “a outra face da escrita” e serve como meio de composição e prática das reflexões realizadas no eixo de Análise Linguística.

Acerca da oralidade, é dito por Marcuschi (2008) que o domínio de ambas as modalidades da língua, oral e escrita, se faz importante na medida em que permite que o sujeito possa acessar de modo mais completo as interações da vida cotidiana. Assim, a compreensão e apropriação de recursos extralinguísticos como gestos, expressões faciais e outras formas não verbais de comunicação que são frequentemente utilizados “em conjunto com a linguagem oral para complementar ou reforçar a mensagem transmitida” (MARCUSCHI, 2008, p. 27) não pode ser negligenciada no ensino de Língua Portuguesa. A realização de atividades orais e incentivo à produção de textos desta modalidade pode, portanto, construir sujeitos compreensivos acerca do papel da produção textual oral na Antiguidade e na Contemporaneidade.

Neste projeto, a utilização de relatos mitológicos em sala de aula objetiva se mostrar um recurso eficaz para articular os quatro eixos do ensino de Língua Portuguesa e permitir que o aluno possa compreender o fazer linguístico como meio de reprodução de valores e crenças de uma sociedade em um contexto cultural e histórico. Tendo em vista que, em um relato mitológico, a utilização de símbolos é também permeada por concepções sociais e pessoais do autor, este pode ser um meio profícuo de desenvolvimento da autonomia do aluno

e de capacitá-lo para intervir socialmente explorando os aspectos culturais, sociais e históricos das comunidades e realidades das quais faz parte. Assim, ao trabalhar com relatos mitológicos em sala de aula, os estudantes não apenas possuem a oportunidade de entrar em contato com um novo gênero, como refletir acerca do significado histórico e cultural destes textos, suas influências e possibilidades de (re)construção.

4.2 Eixos de Ensino de Língua Portuguesa

4.2.1 Eixo de Leitura

Unidade de Ensino: Leitura

Carga Horária: 10h

Conteúdo: Gênero relato mitológico

Metas de aprendizagem:

1. Compreender as características literárias que definem a figura mitológica da Fênix e sua presença na literatura ao longo dos tempos.
2. Refletir sobre a importância da continuidade literária e como a figura da Fênix pode ser vista como um exemplo dessa continuidade.
3. Explorar como a figura da Fênix é usada em outras mídias, como filmes, programas de TV e jogos de vídeo, e comparar essas representações com as da literatura.
4. Discutir a importância da adaptação literária para outras mídias e como isso pode afetar a compreensão da figura da Fênix.
5. Refletir sobre como a figura da Fênix pode ser vista como uma alegoria para o ciclo de vida e morte, e discutir as implicações simbólicas dessa interpretação.

Procedimentos metodológicos:

1. Conversa inicial sobre cultura e a importância da permanência de elementos culturais na sociedade.
2. Breve introdução e contextualização sobre a figura mitológica da Fênix e suas ocorrências na Antiguidade.
3. Projeção dos textos selecionados em slides (Apêndices A e B). A leitura será realizada por alunos voluntários ou pelo professor, caso nenhum se voluntarie. Depois da leitura coletiva, os alunos receberão cópias impressas dos textos.

4. Roda de conversa com os discentes sobre a suas impressões e relações estabelecidas com os textos.
5. Perguntar aos alunos se eles podem apontar no gênero relato mitológico características que já conhecem. Em seguida, complementar as contribuições dadas pelos discentes.
6. Perguntar se os alunos são capazes de apontar que aspectos do mito denotam uma alegoria. Em seguida, realizar uma breve exposição acerca do tema.
7. Iniciar uma roda de conversa, provocando os discentes para que discutam, a partir de argumentos coerentes e organizados, as implicações simbólicas do mito.
8. Realizar a exibição do filme *Harry Potter e a Câmara Secreta* (Apêndice C) e leitura do capítulo do livro homônimo que menciona o animal (Anexo B), juntamente com o trecho do livro *Animais Fantásticos e Onde Habitam* referente ao pássaro (Anexo A), da mesma autora. Em seguida, iniciar um debate motivado pela questão: “As alterações feitas pela autora são válidas em manter o mito da Fênix caracterizado?”

Materiais e Recursos didáticos: Quadro branco, piloto, computador, projetor, cópias impressas dos textos e slides.

Instrumentos de Avaliação:

1. Participação em aula.
2. Participação nas rodas de conversas.
3. Resposta aos questionamentos orais realizados.
4. Respostas à atividade de fixação.

CrITÉrios Avaliativos:

1. Avaliar se os alunos conseguem elencar as características literárias que definem o mito da Fênix em diferentes escritos de épocas variadas.
2. Analisar se os alunos são capazes de refletir criticamente sobre a importância desta continuidade a partir dos textos lidos.
3. Observar se os estudantes conseguem identificar os efeitos produzidos pelo uso de diferentes mídias na representação de uma mesma história.

4. Avaliar a capacidade dos estudantes de compreender o conceito de alegoria e discutir criticamente suas implicações simbólicas.

4.2.2 Eixo de Produção de Texto Escrito

Unidade de Ensino: Produção de Texto Escrito

Carga Horária: 10h

Conteúdo: Gênero relato mitológico; resenha crítica; narrativa mitológica

Metas de aprendizagem:

1. Desenvolver habilidades de escrita descritiva e narrativa através da criação de contos sobre a figura da Fênix.
2. Desenvolver habilidades de escrita argumentativa através da criação de textos que debatem a importância da figura da Fênix na cultura popular e na literatura.
3. Praticar a escrita criativa através do uso de recursos simbólicos e estilísticos.
4. Desenvolver habilidades de escrita argumentativa por meio da criação de uma resenha sobre o filme assistido, levando em consideração aspectos mitológicos estudados em sala de aula e estabelecendo relações entre o conteúdo do filme e os textos mitológicos clássicos lidos.

Procedimentos metodológicos:

1. Propor aos alunos a produção de uma resenha crítica de *Harry Potter e a Câmara Secreta*, discutindo aspectos acerca da representação mitológica no filme e livro, estabelecendo relações com os textos lidos.
2. Realizar uma roda de conversa com os estudantes sobre produção de literatura mitológica motivada pelas seguintes questões:
 - a. Que aspectos estilísticos contribuem para a construção de um mito que permanece ao longo de vários séculos?
 - b. Como você acredita que um autor de literatura mitológica pode construir seu texto de modo a refletir costumes e valores da sociedade em que vive?
 - c. Você acredita que a produção da literatura mitológica pode se estender de modo significativo até os dias atuais? Como?

3. A seguir, realizar uma exposição dialogada sobre a produção de relatos mitológicos abordando os seguintes temas:

- a. Estruturas básicas do texto narrativo (situação inicial, conflito, clímax e resolução) para a construção de textos coerentes e interessantes.
- b. A importância de escolher metáforas e imagens adequadas para a caracterização do ambiente e de outros aspectos relevantes do mito, assegurando a literariedade das produções.
- c. Necessidade de realizar uma seleção crítica de quais aspectos do mito serão trabalhados ou adicionados para a coerência dos textos e produção dos efeitos desejados pelo autor.

4. Propor aos alunos a produção de uma narrativa escrita coerente, criativa, capaz de cativar a atenção do leitor e atenda às especificidades do gênero relato mitológico.

5. Solicitar que o aluno realize a leitura de sua própria produção, buscando pontos passíveis de melhoria. Em seguida, o estudante deverá pensar em estratégias para realizar tais melhorias, procedendo com a reescrita de suas produções. Durante a atividade, o docente auxiliará e orientará o alunado.

Materiais e Recursos didáticos: Quadro branco, piloto.

Instrumentos de Avaliação:

1. Participação em aula
2. Participação na roda de conversa
3. Resposta aos questionamentos orais realizados.
4. Produção do relato mitológico autoral.
5. Produção da resenha crítica ao filme *Harry Potter e a Câmara Secreta*.

Crerérios Avaliativos:

1. Examinar se o aluno é capaz de compreender os processos de escrita mitológica como meio de perpetuação de crenças e valores de um povo.

2. Verificar se o aluno é capaz de produzir uma resenha crítica organizada e com argumentos coerentes e bem-estruturados em defesa de um ponto de vista e levando em consideração os textos clássicos estudados.
3. Analisar se o estudante é capaz de utilizar recursos estilísticos como meio produtivo para a construção de caracterizações e efeitos artísticos no relato mitológico.
4. Verificar se o aluno é capaz de produzir um relato mitológico coerente, interessante e artisticamente criativo, respeitando as estruturas específicas de textos narrativos e explorando recursos estilísticos como metáforas, imagens e variantes linguísticas para representar o mito em questão.
5. Avaliar se o aluno é capaz de realizar uma leitura crítica de seu próprio texto, encontrando pontos passíveis de melhoria.
6. Averiguar se o aluno é capaz de propor e efetuar soluções adequadas para a melhoria de seus próprios textos.
7. Avaliar se o aluno é capaz de participar de atividades de compartilhamento de textos escritos como autor e como leitor, oferecendo intervenções críticas e pertinentes.

4.2.3 Eixo de Oralidade

Unidade de Ensino: Oralidade

Carga Horária: 10h

Conteúdo: Gênero relato mitológico; Dramatização.

Metas de aprendizagem:

1. Compreender a influência da oralidade na dispersão e construção da mitologia dentro das culturas antigas.
2. Desenvolver a capacidade de escuta ativa e interpretação de narrativas dramatizadas.
3. Identificar e se apropriar de elementos extraverbais em dramatizações (tom de voz, gestos, expressões faciais etc) e compreender sua importância para a construção de sentido.

4. Utilizar a linguagem oral para expressar opiniões e ideias sobre literatura mitológica de modo coerente e claro, participando de trocas dialogadas acerca da importância de elementos simbólicos permanentes na literatura e cultura.
5. Participar de atividades de leitura dramatizada, como a leitura em voz alta de trechos de livros que envolvem a figura da Fênix, como autor e como ouvinte.

Procedimentos metodológicos:

1. Breve exposição sobre a importância da oralidade e da dramatização na cultura clássica, evidenciando o papel relevante destas na permanência de elementos mitológicos na cultura.
2. Convidar os alunos a produzir uma dramatização dos textos escritos. Os discentes devem ser incentivados a refletir sobre como irão proceder essa dramatização, atentando para:
 - a. Os efeitos que possuem a intenção de produzir nos espectadores.
 - b. Os meios de que dispõem para realizar esta intenção (gestos, tons de voz, postura, ritmo etc.);
 - c. A importância de realizar uma performance criativa para ampliar os sentidos do texto dramatizado.
3. Realizar uma atividade de exposição em que os estudantes devem produzir dramatizações de seus textos em voz alta e ouvir as produções de seus colegas. Em seguida, será proposto que os alunos o analisem criticamente, compartilhando suas percepções por meio de uma roda de conversa.
4. Roda de conversa para finalizar a atividade, motivada pelas perguntas:
 - a. Como foi a experiência de compartilhar seu texto com a turma por meio de dramatização?
 - b. Refletir sobre o modo e os recursos utilizados para realizar sua dramatização ajudou a tornar seu texto mais interessante? Justifique.
 - c. A dramatização de seus colegas alterou sua percepção dos textos lidos por eles?

Materiais e Recursos didáticos: Quadro branco, piloto.

Instrumentos de Avaliação:

1. Participação em aula.
2. Participação nas rodas de conversas.
3. Resposta aos questionamentos orais realizados.
4. Apresentação oral do relato mitológico produzido.
5. Intervenções e apreciações acerca dos textos dos colegas.

CrITÉRIOS Avaliativos:

1. Examinar se o aluno reconhece o papel relevante da oralidade na produção e dispersão dos relatos mitológicos.
2. Avaliar se o aluno é capaz de escutar e interpretar narrativas oralizadas.
3. Observar se o aluno utiliza de modo produtivo e coerente a linguagem oral para expressar opiniões e ideias acerca de textos de literatura mitológica.
4. Verificar se o aluno utiliza a linguagem oral para participar de trocas dialogadas, respeitando turnos de fala e estruturando sua argumentação de modo claro e coerente.
5. Avaliar se o aluno é capaz de apresentar oralmente relatos mitológicos, apropriando-se de recursos linguísticos (como imagens, metáforas, figuras de linguagem, sonoridade etc.) e extralinguísticos (entonação, gestos, expressão facial etc.) de modo criativo e artístico.
6. Avaliar se o aluno consegue participar de atividades de compartilhamento de produções orais como autor e como ouvinte, valendo-se de seus conhecimentos para posicionar-se criticamente

4.2.4 Eixo de Análise Linguística

Unidade de Ensino: Análise Linguística

Carga Horária: 10h

Conteúdo: Orações subordinadas; Adjetivação (adjetivos/orações subordinadas adjetivas).

Metas de aprendizagem:

1. Identificar a presença de adjetivos nos textos lidos.

2. Construir um conceito de adjetivação que ultrapasse o conceito da Gramática Tradicional.
3. Perceber a adjetivação como estratégia para a criação de sentidos e imagens.
4. Analisar o uso de mecanismos de adjetivação em textos de literatura mitológica e perceber sua relevância para a construção de intertextualidade.
5. Compreender o papel dos adjetivos na atribuição de propriedades aos substantivos e na qualificação de espaços, personagens, sentimentos, dentre outras qualificações possíveis, inferindo seus efeitos de sentido.
6. Entender o conceito de oração subordinada e seus tipos.
7. Identificar as orações subordinadas adjetivas nos textos lidos e perceber seus efeitos na construção de sentidos.
8. Estabelecer comparações entre formas de adjetivação (adjetivos e orações subordinadas adjetivas), refletindo sobre as possibilidades de substituição e sobre as possíveis alterações de sentido.
9. Analisar a presença e o papel das adjetivações nas metáforas presentes nos textos lidos e perceber sua relevância para a ampliação dos sentidos dos termos adjetivados.

Procedimentos metodológicos:

1. Diagnose dos conhecimentos prévios dos alunos sobre o processo de adjetivação, a partir de análise conjunta dos adjetivos encontrados no texto de Plínio, O Velho sobre a Fênix. (Apêndice B)
2. Exposição dialogada sobre adjetivos e sua concordância nominal, segundo a norma culta.
3. Análise conjunta do texto de Heródoto, identificando outras maneiras de caracterizar substantivos além da adjetivação. (Apêndice A)
4. Exposição dialogada sobre orações subordinadas adjetivas, seus tipos e modos de construção.

5. Atividade de análise dos textos dos livros “Animais Fantásticos e Onde Habitam” (Anexo A) e “Harry Potter e a Câmara Secreta” (Anexo B) em que a Fênix é citada com as seguintes questões.
 - a. Identifique as orações adjetivas ou adjetivos que caracterizam a Fênix. Discorra sobre a importância desses adjetivos para a construção da ave mitológica.
 - b. Existem adjetivações semelhantes às utilizadas nos textos clássicos lidos? O que esta presença (ou ausência) significam?
 - c. Observe as metáforas presentes no texto. Em quais delas é possível encontrar adjetivações?
 - d. As adjetivações contribuem para a força imagética das metáforas? Justifique.
6. Roda de conversa sobre a representação da Fênix nos três textos analisados motivada pelas seguintes questões:
 - a. Como as adjetivações contribuem para caracterizar a Fênix nos textos lidos?
 - b. De acordo com a Gramática Normativa, as orações subordinadas adjetivas explicativas acrescentam informações acessórias às orações. Você acredita que as informações trazidas por este tipo de oração são mesmo acessórias e dispensáveis para a construção de sentido? Por quê?
 - c. Você acredita que a única função deste tipo de oração é trazer informações indispensáveis a frases ou elas podem também servir como recurso artístico?

Materiais e Recursos didáticos: Quadro branco, piloto, computador, projetor e slides.

Instrumentos de Avaliação:

1. Participação em aula.
2. Participação nas rodas de conversas.
3. Resposta aos questionamentos orais realizados.
4. Respostas à atividade de fixação.

Crêterios Avaliativos:

1. Avaliar os conhecimentos construídos pelos alunos acerca de adjetivos e suas funções sint ticas, semânticas e literárias.
2. Verificar a compreensão dos estudantes em relação ao uso de adjetivações na construção de elementos e imagens em textos literários.
3. Analisar a capacidade de compreender adjetivos criticamente para além dos limites do conceito tradicional de adjetivação.
4. Avaliar a capacidade de percepção do aluno de perceber as implicações de sentido que derivam das escolhas de adjetivações em textos mitológicos.
5. Verificar a capacidade de compreensão dos discentes sobre a seleção de adjetivações para a construção de imagens e caracterizações em textos mitológicos.
6. Avaliar a compreensão dos alunos acerca da utilização de adjetivações como recurso estilístico e artístico.
7. Aferir os conhecimentos dos alunos acerca das orações subordinadas adjetivas, seus modos de construção, tipos, funções e efeitos.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao concluir este trabalho, podemos afirmar que a representação da Fênix na Antiguidade é um tema permeado por complexidade e questionamentos ainda sem resposta, devido ao vasto período temporal que o abarca. Porém, é inegável o impacto cultural produzido pela ave mitológica em diferentes períodos históricos e sua permanência, embora adaptada, certamente expressa concepções e valores comuns aos povos que a descreveram.

Associado a ideias como a morte, renovação, ressurreição e a transcendência entre o mundo material e espiritual, o mito da Fênix metaforiza conflitos da própria vida humana compartilhados por todas as épocas: como se relacionar com um mundo marcado por ciclos de nascimento, morte e renovação constantes sem alterar-se também a si mesmo?

Essas reflexões ganham ainda mais profundidade quando consideramos o contexto histórico e cultural em que a Fênix foi retratada durante a Antiguidade Clássica e Tardia, sendo frequentemente associada a contextos religiosos que buscavam transmitir ideias sobre a relação entre os seres humanos, o divino e a natureza. Nesse sentido, pode-se afirmar que a Fênix não era apenas um símbolo abstrato, mas um elemento concreto e presente na vida cotidiana do imaginário antigo, visto que influenciava diretamente a forma como as pessoas se relacionavam com o mundo e com suas próprias existências.

Ao nos depararmos com um símbolo já tão presente e referenciado no Ocidente, é comum que este não seja mais visto como um elemento possuidor de história, construído ao longo do tempo. Entretanto, investigar as concepções por trás da narrativa mitológica da Fênix pode fornecer conhecimentos importantes acerca da formação do imaginário cultural ocidental e de seus valores mais perenes. Ao levar a discussão sobre o mito da Fênix para o Ensino Básico, é possível explorar ideias fundamentais e discutir de que modo a cultura ocidental foi construída, além de expandir os conhecimentos sobre diferentes tradições ao longo da história, contribuindo para uma formação mais ampla, completa e significativa.

REFERÊNCIAS

- AELIANUS, Claudius. **De Natura Animalium**. Paris: Firmin Didot, 1858.
- ANTUNES, I. C. **Língua, gêneros textuais e ensino: considerações teóricas e implicações pedagógicas**. São Paulo: Perspectiva, 2002.
- ATHENAEUS. **The Deipnosophists**. Charles Burton Gulick (trad.). Cambridge: Harvard University Press; Londres: William Heinemann Ltd, 1927.
- ARICÒ, Giuseppe; TRAGLIA, Antonio. **Introduzione**. In: STAZIO, P. Papinio. Opere. Milano: UTET, 1980.
- BÍBLIA. Português. **Bíblia Sagrada**. Almeida Revista e Atualizada. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 1993.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2017.
- _____. Ministério da Educação e do Desporto. **Parâmetros Curriculares Nacionais – Língua Portuguesa – 3o e 4o ciclos**. Brasília: MEC, 1998.
- _____. Ministério da Educação. **Orientações curriculares para o Ensino Médio: Linguagens, códigos e suas tecnologias**. Secretaria de Educação Básica, 2006.
- BRITANNICA, T. Editors of Encyclopaedia. **"Achilles Tatius."** Encyclopedia Britannica, 2014. Disponível em: <https://www.britannica.com/biography/Achilles-Tatius>. Acesso em: 01/05/2023 às 22:15.
- _____. **"Pomponius Mela."** Encyclopedia Britannica, 2016. Disponível em: <https://www.britannica.com/biography/Pomponius-Mela>. Acesso em: 01/05/2023 às 22:34.
- _____. **"Pliny the Elder summary."** Encyclopedia Britannica, 2020a. Disponível em: <https://www.britannica.com/summary/Pliny-the-Elder>. Acesso em: 01/05/2023 às 22:40.
- _____. **"Aelian."** Encyclopedia Britannica, 2020b. Disponível em: <https://www.britannica.com/biography/Aelian>. Acesso em: 01/05/2023 às 23:01.
- BROEK, R. Van Den. **The Myth of the phoenix according to classical and early christian traditions**. Leiden: E.J Brill, 1972.
- CASA, Adriana dela. **Introduzione**. In: OVIDIO, P. Opere. Torino: UTET, 1982. p. 9-49
- CARRARA, Daniel Peluci; NATIVIDADE, Everton da Silva. **Da ave Fênix, Lactância (?): Tradução**. In: Calíope, ed. 15, Rio de Janeiro, 2006, pp. 133-143.
- CASSIO, Dione. **Storia Romana**. Alessandro Strappa (trad.). Milano: BUR, 2016. 8 v.
- CESÁREA, Eusébio, **Praeparatio Evangelica**, E. H. Gifford (trad.), Livro 9, cap.29, 439d–447a. Disponível em: <http://www.earlychristianwritings.com/fathers/eusebiuspe09book9.html>. Acesso em: 04/04/2023 às 14:39.
- CLAYTON, Peter A. **Chronicle of the Pharaohs: The Reign-By-Reign Record of the Rulers and Dynasties of Ancient Egypt**. London: Thames & Hudson, 2006.
- COMMELIN. P. **Mitologia grega e romana**. Eduardo Brandão (trad.). São Paulo: Martin Fontes, 2011.
- COOLEY, Alison E. **The Cambridge Manual of Latin Epigraphy**. Cambridge: University Press, 2012.
- CORTE, José Carlos Fernández; LLORCA, Josefa Cantó. **Introdução**. In: Metamorfosis: Libros I-V, Publio Ovídio Nasón. Madrid: Editorial Gredos, 2008.
- CONFÚCIO. **Os Analectos**. São Paulo: LPM, 2006.
- DEGRASSI, Attilio. **I fasti consolari dell'Impero Romano dal 30 avanti Cristo al 613 dopo Cristo**. Rome: Via Lancelotti, 1952.
- D'ONOFRIO, Cesare. **Gli obelischi di Roma**. Roma: Bulzoni, 1967
- ERYA (尔雅). (século III a.C.). Compilado por Guo Pu. Edição eletrônica. Disponível em: <http://www.guoxue.com/book/erya/0017.html>. Acesso em 30/04/2023 às 07:55.
- EVANS, Ernest. **Tertullian's treatise on The Resurrection**. Londres: Scholar's Press, 1960.

- FAULKNER, Raymond O. **The Ancient Egyptian Book of the Dead**. Londres: Trustees British Museum, 1985.
- FERRARI, Anna. **Dizionario di Mitologia greca e Latina**. Milano: UTET, 2015.
- FICINUS, Marsilius. **Opera omnia**, Bâle: Oficina Sanctipetrina, 1576.
- FIRMICUS, Maternus. **Matheseos Libri**. W. Kroll e F. Skvitch (ed.). Stuttgart: Teubner, 1968.
- FITZPATRICK, Mary Cletus. **Lactanti de ave phoenice**. Philadelphia: University of Pennsylvania, 1933.
- FREEDMAN, H.; SIMON, M. **Midrash Rabbah**. Londres: The Soncino Press, 1961.
- GARDINER, Alan H. **Egyptian grammar**: being an introduction to the study of hieroglyphs. Oxford: Griffith Institute, 2007.
- GERALDI, João Wanderley. **Unidades Básicas do ensino de Português**. In: GERALDI, J. W. (org.) O texto na sala de aula. São Paulo: Ática, 1997.
- HARRIS, Keith N. **The De ave phoenice of Lactantius: a commentary and introduction**. Vancouver: University of British Columbia, 1978.
- HARRY POTTER E A CÂMARA SECRETA. Direção: Chris Columbus. Produção: David Heyman. HBO Max. 2022. 2h20. Disponível em: <https://www.hbomax.com/br/pt/feature/urn:hbo:feature:GXssMIAadRcNMvwEAAAA7>. Acesso em: 01/05/2023 às 14:18.
- HERODOTUS. **Herodoti Historiae**. Boston: Oxonii, e Typographeo Clarendoniano, 1908.
- HUBAUX, Jean; LEROY, Maxime. **Le mythe du Phénix dans les littératures grecque et latine**. Paris: Bibliothèque de la Faculté de Philosophie et Lettres de L'Université de Liège, 1939.
- LACTANTIUS, Lucius Caecilius Firmianus. **De Ave Phoenice Carmen**; p.209-218. In: CLAUDIANUS, Claudius. *Carmina*. Leipzig: Teubner, 1876.
- _____. **Opera omnia**. Coleção Patrologiae Latinae Cursus Completus, vol. 7. Paris: Excudebat Sirou, 1844.
- LAERTIUS, Diogenes. **Lives of Eminent Philosophers**. R. D. Hicks (trad.), Cambridge, MA: Harvard University Press, 1970.
- LEGGE, **The Li Ki**, In: The Sacred Books of China, vol. 27, In: MULLER, Max (ed.), Sacred Books of the East, 1885 (reimpr., Delhi: Motilal Banarsidass, n.d.).
- LUCANUS, Marcus Annaeus. **De Bello Civili**, Libri X. Stuttgart: Teubner, 1988.
- LUCIANUS. **De Morte Peregrini**. In: _____. Works. A. M. Harmon (trad.). Cambridge: Harvard University Press, 1936.
- _____. **Navigium**. In: Lucian. Works. A. M. Harmon (trad.). Cambridge: Harvard University Press, 1936.
- MARCH, Jenny. **Cassell's Dictionary of Classical Mythology**. London: Cassell & Co, 1998.
- MARCUSCHI, L. A. **Gêneros textuais: definição e funcionalidade**. In: DIONISIO, A. P. et al.(org.) Gêneros textuais & ensino. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002, p. 19-36.
- _____. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.
- MARTIALIS. M. Valerius. **Epigrammata**. Stuttgart: Teubner, 1990.
- MELA, Pomponius. **De situ orbis**. C Julius Solinus (trad.). Montana: Kessinger Publishing, 2010.
- _____. **De chorographia libri tres**. Stuttgart: Teubner, 1967.
- MORALEJO, José L. **Introducción**. In: TÁCITO, Cornélio. *Anales*. Madrid: Gredos, 1979.
- NIGG, Joseph. **The Phoenix: an unnatural biography of a mythical beast**, Chicago e Londres: The University of Chicago Press, 2016.
- NORCIO, Giuseppe. **Introduzione**. In: MARZIALE, M. Valerio. *Epigrammi*. Milano: UTET, 2013

- NOVA VULGATA. **Bibliorum Sacrorum Editio**. Editio Typica Altera. Disponível em: https://www.vatican.va/archive/bible/nova_vulgata/documents/nova-vulgata_index_it.html. Acesso em 05/05/2023 às 19:11.
- OVIDIO. **Metamorfoses**. Domingos Lucas Dias (trad.); São Paulo: Editora 34, 2017.
- OVIDIUS, P. **Amores**; Leipzig: Teubner, 1907.
- _____. **Tristia**. Cambridge: Harvard University Press, 1939.
- _____. **Metamorphoses**. Gotha: Perthes. 1892.
- PAJARES, Alberto Bernabé. **Introducción**. In: FILÓSTRATO. Vida de Apolônio de Tiana. Madrid: Gredos, 1992. p: 7-57.
- PHILOSTRATUS. **Vita Apollonii Tyanei**. Berlim: De Gruyter, 2022.
- PINHEIRO, Marília P. Futre. **Utopia and Utopias: a Study on a Literary Genre in Antiquity**. In: Authors, Authority and Interpreters in the Ancient Novel. Groningen: University of Groningen Press, 2006.
- PLUTARCO. **De Defectu Oraculorum**. In: _____. Moralia, v. 4. Bernadotte Perrin (trad.). Cambridge/Massachusetts/Londres: Harvard University Press, 2006.
- PLINIUS, C., Secundus. **Naturalis historiae libri XXXVII**. Leipzig: Teubner. 1880.
- PSEUDEPIGRAPHA. **The Book of the Secrets of Enoch**. In: CHARLESWORTH, James H. (ed.), The Old Testament Pseudepigrapha, vol. 2, Nova York: Doubleday, 1985.
- _____. **The Greek Apocalypse of Baruch**. In: CHARLESWORTH, James H. (ed.), The Old Testament Pseudepigrapha, vol. 2, Nova York: Doubleday, 1985.
- REDONDO, Antonio Delgado. **Introdução**. In: Farsalia. LUCANO, M. Anneo. Madrid: Gredos, 1984.
- ROWLING, Joanne. K. **Harry Potter e a Câmara Secreta**. São Paulo, Rocco, vol. 2, 1998.
- _____. **Animais Fantásticos e Onde Habitam**. São Paulo, Rocco, 2001.
- SAMÓSSATA, Luciano de. **Obras Completas**. Custódio Magueijo (trad.). Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2013. 8 v.
- SARAIVA, F. R. dos Santos. **Novíssimo Dicionário Latino-Português**. 13. ed. Belo Horizonte: Editora Garnier, 2019.
- SEPTUAGINTA, **Editio Altera**. Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft, 2006.
- SENECA, Lucius Annaeus. **Ad Lucilium epistulae morales**. Leipzig: Teubner, 1939.
- SMITH, William (ed.). **Dictionary of Greek and Roman Biography and Mythology**. Cambridge: Cambridge University Press, 2000.
- STATIUS. P. Papinius. **Silvae**. Leipzig: Teubner, 1876.
- STRATI, Roberta. **La fenice nella letteratura latina**. Annali Online di Ferrara. 2007. Disponível: <https://doi.org/10.15160/1826-803X/112>
- STUCKRAD, Kocku Von, **História da Astrologia**. São Paulo: Globo, 2007.
- SUASSUNA, Livia; MELO, Iran Ferreira de; COELHO, Wanderley Elias. **O projeto didático: forma de articulação entre leitura, literatura e análise linguística**. In: BUNZEN, Clécio, MENDONÇA, Márcia (orgs.) Português no Ensino Médio e formação do professor. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.
- SUASSUNA, L. **Ensino de análise linguística: situando a discussão**. In: SILVA, A.; PESSOA, A. C.; LIMA, A. (org.). Ensino de gramática: reflexões sobre a língua portuguesa na escola. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2012, p. 11-28.
- TACITUS, Cornelius. **Annales ab excessu divi Augusti**. Oxford: Clarendon Press. 1906.
- TALMUD BABILÔNICO, I. Epstein (trad. e ed), Londres: Soncino Press, 1935.
- TATIUS, Achilles. **Leucippe et Clitophon**. Cambridge: Harvard University Press: 1969.
- WALTERS, D. **Chinese mythology: An encyclopedia of myth and legend**. Oxford, UK: Dempsey Parr., 1995.

WILLIAMS, Charles Alfred Speed. **Outlines of Chinese Symbolism**: an alphabetical compendium of antique legends and beliefs, as reflected in the manners and customs of the Chinese. Tokyo, Japão: C. E. Tuttle Co, 1974.

WACHOLDER, Ben Zion; BOWMAN, Steven, **“Ezechielus the Dramatist...”**, In: Harvard Theological Review, ed.78, n. 3-4, 1985, p.259.

APÊNDICE A - A Fênix em Histórias, de Heródoto (adaptado)

Os egípcios possuem um pássaro sagrado chamado Fênix, que eu mesmo nunca vi exceto em imagens. É realmente uma grande raridade, até mesmo no Egito, apenas indo lá (de acordo com os relatos do povo de Heliópolis) uma vez a cada quinhentos anos, quando a antiga Fênix morre.

Seu tamanho e aparência, se é como nas imagens, são as seguintes: a plumagem é parcialmente vermelha, parcialmente dourada, enquanto o porte e tamanho gerais são quase exatamente os de uma águia.

Eles contam uma história do que este pássaro faz, o que não me parece crível, que ele vem da Arábia e traz seu pai pássaro, todo emplastrado de mirra, ao Templo do Sol, e lá enterra o corpo. Para trazê-lo, dizem, ele primeiro forma uma bola de mirra tão grande quanto pode carregar; então a torna oca e põe seu pai dentro, cobrindo depois a abertura com mirra fresca, e a bola então é exatamente do mesmo peso que a primeira; então ele a traz ao Egito, emplastrada como eu disse, e a deposita no Templo do Sol. Esta é a história que eles contam dos feitos deste pássaro.

(HERÓDOTO, *Historiae*, 2:72-74; Tradução própria)

APÊNDICE B - A Fênix em Plínio, o Velho (adaptado)

Os etíopes e os indianos narram sobre aves multicoloridas e inenarráveis e, antes de todas, a Fênix árabe, (não sei se fabulosa) única em todo mundo e vista só muito raramente. Diz-se que seu tamanho é o de uma águia, que o derredor de seu pescoço tem um fulgor áureo e o resto do corpo em púrpura; com penas rosas se distinguindo em sua cauda azul, e que enobrecem seu pescoço cristas e um topete de plumas a sua cabeça.

Manílio, distinto por seus grandes conhecimentos adquiridos sem mestre, o primeiro dos senadores que tratou acuradamente do pássaro, informa: ninguém o viu se alimentando. Na Arábia é sagrada para o sol, vive 560 anos. Ao envelhecer, constrói um ninho com incenso e ramos de canela, o enche de materiais aromáticos e nele morre. De seus ossos e medula nasce primeiro um animal à semelhança de um vermezinho, que se torna uma ave jovem e logo presta as justas honras ao predecessor e carrega o ninho até a cidade do Sol, próxima a Pancaia, e lá o depõe em um altar. Informa ainda Manílio que com a vida desse pássaro se cumpre a conversão do grande Ano, e novamente os sinais das estações e as estrelas voltam ao ponto inicial; este ciclo recomeça ao meio-dia do dia que o sol entrou no signo de Áries, e o ano da revolução em que ele escrevia, sendo cônsules Públio Licínio e Gneu Cornélio, era o de ducentésimo décimo quinto do ciclo.

Cornélio Valeriano conta que a Fênix voou para o Egito durante o Consulado de Quinto Pláutio e Sexto Papínio. Também foi trazida para Roma durante a censura do imperador Cláudio, no ano 800 da fundação da cidade, e exposta num comício, o que está atestado nas Actas, mas ninguém duvida que era uma falsa Fênix.

(PLINIUS, C., *Naturalis Historia*, 10:3-5; Tradução própria)

APÊNDICE C - Harry Potter e a Câmara Secreta

Harry Potter e a Câmara Secreta (2002)

2h 30min / Fantasia

Direção: Chris Columbus

Após as sofríveis férias na casa dos tios, Harry Potter se prepara para voltar a Hogwarts e começar seu segundo ano na escola de bruxos. Na véspera do início das aulas, a estranha criatura Dobby aparece em seu quarto e o avisa de que voltar é um erro e que algo muito ruim pode acontecer se Harry insistir em continuar os estudos de bruxaria. O garoto, no entanto, está disposto a correr o risco e se livrar do lar problemático.

(Disponível em: <https://www.adorocinema.com/filmes/filme-41245/>. Acesso em: 03/05/2023 às 12:43)

Disponível em:

<https://play.hbomax.com/feature/urn:hbo:feature:GXssMIAadRcNMvwEAAAA7?source=googleHBOMAX&action=play>



Acesse aqui

Imagem 3: QR Code para o filme “Harry Potter e a Câmara Secreta”

ANEXO A - A Fênix em “Animais Fantásticos e Onde Habitam”

PHOENIX (FÊNIX)

Classificação M. M.: XXXX¹⁰⁷

A fênix é um pássaro magnífico, de cor vermelha e porte de cisne, com um longo rabo, bico e garras dourados. Faz ninho no cume de montanhas no Egito, Índia e China, e tem uma vida longuíssima porque é capaz de se regenerar, irrompendo em chamas quando seu corpo entra em decadência e ressurgindo das cinzas novamente jovem. É um pássaro manso, a que não se atribuem mortes, e se alimenta apenas de ervas. A exemplo do oraqui-oralá (veja página 30), ela pode desaparecer e reaparecer quando quer. Seu canto é mágico: acredita-se que aumente a coragem dos puros de coração e atemorize os impuros de coração. Suas lágrimas possuem poderosas propriedades curativas.

(ROWLING, Joanne. K. *Animais Fantásticos e Onde Habitam*. São Paulo, Rocco, 2001, p.36)

¹⁰⁷ Indica o nível de periculosidade do animal dentro do universo de Harry Potter.

ANEXO B: A Fênix em “Harry Potter e a Câmara Secreta”

Afinal não estava sozinho. Encarrapitado em um poleiro dourado, atrás da porta, achava-se um pássaro de aparência decrépita que lembrava um peru meio depenado. Harry o encarou, e o pássaro sustentou funestamente o seu olhar, tornando a fazer o mesmo ruído sufocado. Harry achou que ele parecia muito doente. Seus olhos estavam opacos e, mesmo enquanto Harry o observava, caíram mais algumas penas de sua cauda.

Harry estava pensando que só o que lhe faltava era o pássaro de estimação de Dumbledore morrer, enquanto estavam sozinhos ali na sala, quando o pássaro pegou fogo.

Harry gritou chocado e se afastou da mesa. Olhou ansioso em volta para ver se encontrava um copo de água em algum lugar mas não viu nenhum; o pássaro, entretanto, transformara-se numa bola de fogo; o pássaro deu um grito alto e no segundo seguinte não restava nada dele, exceto um monte de cinzas fumegantes no chão.

A porta da sala se abriu. Dumbledore entrou com o ar muito grave.

– Professor – ofegou Harry. – Seu pássaro, eu não pude fazer nada, ele simplesmente pegou fogo...

Para surpresa de Harry, Dumbledore sorriu.

– Já não era sem tempo. Ele tem andado com uma aparência medonha há dias; e venho dizendo a ele para se apressar.

E deu uma risadinha ao ver a cara de espanto de Harry.

– Fawkes é uma fênix, Harry. As fênix pegam fogo quando chega a hora de morrer e tornar a renascer das cinzas. Olhe ele...

Harry olhou em tempo de ver um pássaro minúsculo, amarrotado, recém-nascido botar a cabeça para fora das cinzas. Era tão feio quanto o anterior.

– É uma pena que você a tenha visto no dia em que queimou – disse Dumbledore, sentando-se à escrivaninha. – Na realidade ela é muito bonita quase o tempo todo, tem uma plumagem vermelha e dourada. Criaturas fascinantes, as fênixes. São capazes de sustentar cargas pesadíssimas, suas lágrimas têm poderes curativos e são animais de estimação muitíssimo *fiéis*.

(ROWLING, Joanne. K. *Harry Potter e a Câmara Secreta*. São Paulo, Rocco, 1998, vol. 2, p.145)